

Scriptura 3

Leituras do Homem dos lobos

Escola de Estudos Psicanalíticos
www.freudlacan.com.br

Círculo de estudo e investigação
“as formações do psicanalista”

Association lacanienne internationale

outubro 2007
Brasil

Conselho editorial

Conceição Beltrão Fleig
Izabel Joana Dal Pont
Letícia Patriota de Fonsêca
Margareth Kuhn Martta
Mario Fleig

Comissão de publicações

Conceição Beltrão Fleig
Fabiana K. Witzler Diaz
Fátima Rodrigues Brocca
Fernando Hartmann
Giselle Dalsochio Montemezzo
Izabel Joana Dal Pont
Rudimar Mendes
Sônia Maria P. Noll
Viviane Dall'Agnol

Traduções

Fernando Hartmann
Letícia Patriota da Fonsêca
Luciano Matuella
Maria Marta Heinz
Rosane de Abreu e Silva
Tânia Trujillo da Silveira

Revisão técnica

Andréa Ferrari
Fernando Hartmann
Giselle Dalsochio Montemezzo
Izabel Joana Dal Pont
Letícia Patriota da Fonsêca
Maria Marta Heinz
Nanette Zmeri Frej
Rosane de Abreu e Silva
Sônia Maria P. Noll
Viviane Dall'Agnol

Revisão Final

Conceição Beltrão Fleig
Izabel Joana Dal Pont
Wagner Abreu
(realizou a revisão de língua portuguesa do texto de
Fernando Hartmann e das entrevistas de Charles Melman e
Jean-Pierre Lebrun)

Capa e editoração eletrônica

Caio Beltrão Schasiepen

Site

Rodrigo Noll

Apresentação

A revista *Scriptura* consiste em um projeto de publicação conjunta entre a Escola de Estudos Psicanalíticos e o Círculo de estudo e investigação “as formações do psicanalista”, atividade da *Association lacanienne internationale (ALI)*.

A *ALI* propõe, como uma de suas maneiras de trabalho, os “Círculos de estudo e investigação”, que se constituem como lugares de estudo e de aprofundamento de questões, que interpelam os psicanalistas, sem que sejam diretamente objeto de ensino. Essas questões tanto podem ser novas, oriundas de sintomas e consequência do discurso que organiza o momento histórico em que vivemos, quanto questões clínicas e teóricas, que ainda não foram suficientemente estudadas ou que mereçam ser retomadas.

De acordo com esses princípios, a constituição do Círculo de estudo e investigação, cujo trabalho se endereça às “formações do psicanalista”, propõe a discussão da temática referente à formação, de acordo com a perspectiva indicada por Lacan, de que não há formação do psicanalista, mas apenas formações do inconsciente.

Quando os primeiros interessados em se habilitar ao ofício de psicanalista dirigiam-se a Freud, este lhes indicava a leitura da *Interpretação dos sonhos* e o início de uma análise. Essa proposta fundadora nos leva a indagar se o analista é uma formação do inconsciente e no que as formações do inconsciente determinam que existam psicanalistas. Norteados por essas indagações, pensamos poder precisar o enunciado de Lacan referente ao fim de uma análise e a produção de um analista, tendo em vista sua proposição em torno da noção do Outro e, em que medida, esta permite avançar naquilo que seja a autorização do psicanalista e o lugar da instituição.

Dessa discussão se origina a *Escola de Estudos Psicanalíticos*, cuja criação, organização e sustentação têm sua referência em Freud e Lacan, pautando seu estudo da psicanálise e o trabalho de formação do psicanalista pela introdução de questões referentes a: O que é o fazer analítico? Qual é o lugar do psicanalista? O que é a clínica clássica, assim como as especificidades contemporâneas que, na prática cotidiana, confrontam o psicanalista em seu saber?

O que é então uma análise que tenha efeito na formação do psicanalista? De que modo uma análise pode ser nomeada de didática? Qual o lugar da análise de controle daquele que se inicia como praticante da psicanálise? O que permite orientar psicanaliticamente a leitura e o estudo dos textos fundadores?

Os textos publicados na coleção *Scriptura* refletem essas questões que nos trabalham e que sustentam a formação, retomando e articulando a teoria psicanalítica a uma prática que se define, antes de qualquer coisa, como submetida ao discurso.

Editorial

O terceiro número da revista SCRIPTURA está organizado em torno da indagação: *o que o Homem dos lobos pode ensinar aos psicanalistas?* levando adiante nosso projeto de investigação e estudo sobre as formações do psicanalista. Visamos assim a clínica a fim de apreender os efeitos decorrentes.

Sabe-se que o Homem dos lobos já fez correr muita tinta. Entretanto, lembrando o que Melman nos diz em seu seminário de 11 de maio de 95¹, aludindo a um enfoque eclético ou schreberiano, não se trata aqui de fazer um inventário de tudo o que foi dito sobre o caso clínico; que não sejam “milhares de vozes que desfilam em nossas mentes”, mas que, cada um, na singularidade da sua leitura, permita brotar um viés outro, produzindo novas indagações. É ainda isso que, em sua entrevista aqui publicada, lembra-nos Melmam: reler Freud hoje ‘não é repetir como faz a Escola Clássica’, numa ecolalia infrutífera, mas ver o que brota dessa análise.

Serguei Constantinovich Pankejeff, ilustre paciente pertencente à nobre família da aristocracia russa, procura Freud pela primeira vez em 1910, com fortes sinais de depressão agravados após o suicídio de sua irmã. Permanece em análise com Freud até julho de 1914, sendo sobre esse período primeiro de análise que trata o texto freudiano. Este é o mais extenso caso clínico escrito por Freud, publicado em 1918, intitulado *História de uma Neurose Infantil*. Outros períodos de análise e outros analistas lhe sucedem ao longo de sua vida, todavia, desperta-nos o interesse os vários diagnósticos que lhe foram atribuídos. Conforme nos diz Roudinesco, a imensa profusão de escritos acerca desse caso clínico faz do Homem dos lobos o Homem dos Analistas, mormente que, ao lado das ajudas recebidas, ele passa a ganhar a vida vendendo aos analistas a figura do seu sonho.

A sucessão dos textos que integram essa coletânea, como num *patch-work* harmonioso, contempla as diversas facetas e recortes suscitados pelos autores, dispostos numa seqüência lógica que nos permite acompanhar passo a passo os avanços propostos. Assim, abrimos a revista com o texto de Roland Chemama, fruto de três conferências proferidas em Nice, em 1995, que nos traz de forma clara os aspectos mais importantes desse caso. Neste artigo o autor, destacando não só a vida familiar atribulada de Serguei Pankejeff com uma situação sócio-econômica conturbada pelos efeitos da guerra, contempla também os infortúnios inevitáveis que ele padeceu no período posterior a Freud. Sem descuidar do polêmico entorno transferencial, enfoca a divergência de Freud com Adler e Jung quanto ao ponto dominante da sua tese sobre as pulsões sexuais na infância. Detém-se sobre o Real, o olhar enquanto objeto a, o traço que brota na sucessão das idéias ou das sessões, a forclusão, e outros aspectos importantes. Na segunda conferência ele destaca as incursões feitas por Lacan neste caso ao longo de seus seminários, recorrendo por outro lado às inúmeras considerações tecidas por vários outros autores. Conclui Chemama enfocando mais detalhadamente a operação da castração e o mecanismo da forclusão, visando a elucidar os sinuosos caminhos dos diagnósticos: criança obsessiva, traços fetichistas, tendências paranóicas, entretanto, sendo predominante como marca do caso, até hoje, o sintoma fóbico inscrito no nome que o consagrou.

Seguem-se os artigos, desdobrando-se a cada passo mais uma nuance do caso princeps.

Temos então o texto de Nanette Frej que, debruçando-se sobre o texto em alemão, destaca que o sonho, no Homem dos lobos, reativando a cena, vem fazer ortopedia da libido estilhaçada por ocasião da observação do coito parental, pela criança: “quando da observação da cena, algo aconteceu à libido, algo que escapa a qualquer um dos destinos das pulsões”, escreve Freud, “ela foi positivamente estilhaçada – *Aufsplitterung der Libido* – pela cena”. A autora sublinha que a frase subsequente refere a *ativação da cena – Aktivierung dieser*

Szene – convidando-nos a considerar não apenas a alteração na tradução da Imago, mas sobretudo a refletir a partir de que lugar do funcionamento humano a ativação toma a dianteira nas cenas dos dias de hoje.

Em seguida, temos a entrevista com Charles Melman que evoca, por um lado, as razões desse investimento freudiano, razão do título de sua obra, por outro a dívida resultante de uma problemática do dom recíproco não resolvida, que deixa um buraco no real. Melman sublinha ainda a releitura de Freud feita por Lacan, lembrando que uma psicanálise não é somente um exercício espiritual, mas que tem uma finalidade.

Dando continuidade, chegamos ao ápice da nossa publicação: a primeira releitura do caso feita por Lacan: “O Homem dos lobos”. São apontamentos do seu seminário proferido em 1952-53, colhidos por seus ouvintes. Com ele constatamos que reler Freud não é persistir na ecolalia estéril até então em voga, mas sim se obrigar a pensar. O autor destaca então vários aspectos importantes para a clínica psicanalítica: complexo de Édipo, desenvolvimento do Eu e evolução da libido, transferência, entre outros. Enfoca também o período segundo de análise, o tratamento com Ruth Mack Brunswick, e os acompanhamentos posteriores, enfatizando as estreitas relações da transferência e da contratransferência.

Avançando nas questões temos o artigo de Fernando Hartmann, no texto “Notas sobre as notas do seminário de Jacques Lacan sobre o Homem dos lobos”. O autor retoma como grade de leitura dois artigos importantes de Jacques Lacan: “O estádio do espelho” e “O Tempo lógico”. Seguindo as pistas deixadas por Lacan, o autor analisa o conflito entre o desenvolvimento do Eu e as relações libidinais em jogo no caso do Homem dos lobos. Nesta linha, a questão do diagnóstico é revisitada a partir das três correntes que para Freud teriam coexistido na vida psíquica do Homem dos lobos: uma que repugnava a castração, outra que a admitia e se consolava com a feminilidade enquanto substituto e a terceira que consistia em uma rejeição dessa castração.

Encerrando nosso percurso contamos com a entrevista que Jean-Pierre Lebrun concedeu aos colegas da ALI. Nesta Lebrun, apontando a complexidade do caso e a multiplicidade de hipóteses diagnósticas, faz do Homem dos lobos um representativo da psicopatologia contemporânea. O autor enfatiza a importância das intervenções do analista, relativizando a prática do silêncio. Indaga a respeito de que tipo de intervenção conviria em face da nova economia psíquica, uma vez que “o silêncio do Outro não vai lhe permitir o acesso ao significante recalcado, simplesmente porque os significantes recalcados não são recalcados, são traços de recusa”.

Então, hoje, como repensar a clínica? Poderíamos balizá-la entre a escuta dos significantes e a leitura da letra? O que nos traz o Homem dos lobos quanto às novas formas clínicas?

Que as interrogações se desdobrem e nos façam avançar com as questões.

Letícia Patriota da Fonsêca

¹ Melman, Ch. *Retorno a Schreber*. Porto Alegre: CMC Editora, 2007, p.241 e seguintes.

Os desafios de uma apresentação de caso (a propósito do “Homem dos lobos”)

Roland Chemama

Estou feliz de estar novamente entre vocês, em Nice, por ocasião deste novo ciclo de conferências¹ que começa no dia de hoje. Os organizadores desta nova série de comunicações escolheram tomar por tema uma releitura do “Homem dos lobos”, uma nova leitura em torno da qual se deve organizar toda uma reflexão sobre a atualidade da clínica freudiana. Uma vez que sou o primeiro a intervir, gostaria de dizer algumas palavras sobre o modo pelo qual percebo este projeto.

Por que o “Homem dos lobos²”? O ano de 1995, como vocês o sabem, é a data de aniversário dos *Estudos sobre histeria*, e nós poderíamos nos interrogar, por exemplo, por que não é a um destes casos de histeria tratados por Freud que poderia ser tomado para esta série de conferências. Para justificar a escolha pelo “Homem dos lobos”, seria suficiente evocar a história da própria psicanálise, o lugar privilegiado que é sempre dado a este paciente excepcional? Será necessário, para julgar isto, recordar alguns elementos que em sua maior parte vocês conhecem, que em sua maior parte nós todos conhecemos, mas que nunca deixam de nos surpreender cada vez que nós os reagrupamos.

O “Homem dos lobos”, Serguei Constantinovitch Pankejeff, se quisermos chamá-lo aqui pelo seu nome, vai ao encontro de Freud em fevereiro de 1910, depois de ter consultado, sem resultado algum, diferentes psiquiatras e depois de ter sido tratado em diversos sanatórios. Russo, multimilionário, estava acompanhado de um médico e de um estudante de medicina que residiam em Viena com ele. Um diagnóstico havia sido feito sobre seu caso: o de psicose maníaco-depressiva. Freud considerou que se tratava acima de tudo, de uma neurose grave, e mais exatamente de seqüelas de uma neurose obsessiva espontaneamente resolvida. Ele o manteve em análise por quatro anos, o que, na época, constituía um tempo de tratamento bastante longo. Ele acreditou ainda ser

necessário, para forçar as resistências do paciente, fixar previamente, o fim do tratamento em um momento dado. O paciente forneceu finalmente, sobretudo durante os últimos meses, um material considerável, e Freud o considerou “curado”. Na verdade, a história, por assim dizer, havia apenas começado.

O que é, de fato, a história do “Homem dos lobos”? É, antes de tudo, certamente, a história do próprio tratamento. Mas também é o relato que Freud redige imediatamente e publica alguns anos após. Veremos hoje quais eram os interesses de Freud enquanto escrevia este caso, e em particular o valor que lhe atribuía para contestar as concepções de Jung e de Adler. Assim, o caso do “Homem dos lobos” adquire imediatamente para Freud um valor exemplar, de pedra de toque, da pertinência de suas teorias.

Mas ao mesmo tempo, digo-o imediatamente, o que é necessário que se faça, a respeito do “Homem dos lobos”, eu não creio que seria simplesmente alguma coisa de que Freud teria se apropriado sem se preocupar de modo algum com o que pensava seu paciente. Seguindo Freud, destacamos, facilmente, a passividade fundamental do “Homem dos lobos”. Mas Freud, que centrou seus estudos na neurose infantil de seu paciente, nos diz que este teria desejado que seu analista escrevesse toda a história de seu padecimento, e nós não temos razão alguma para não crer nele. Temos mesmo ainda mais razões para crer que este paciente nunca cessou de querer contribuir para o desenvolvimento da psicanálise, trazendo o seu testemunho, quase a sua contribuição, durante longas décadas.

Seguramente, antes de nos centrarmos nas questões mais precisas, é necessário lembrar ainda, rapidamente, o que se seguiu ao tratamento e à redação do caso.

O fim do primeiro tratamento do “Homem dos lobos” coincide com o começo da Grande Guerra. Ele retorna para casa, em Odessa, desposa uma mulher, chamada Teresa, uma

enfermeira que ele havia conhecido em um sanatório. O exército vermelho ocupa Odessa. Serguei Pankejeff, que conseqüentemente perde a sua fortuna, muda-se para Viena, onde se torna empregado de uma companhia de seguros e onde recomeça um tratamento com Freud.

Este segundo tratamento durará seis meses, muito mais curto do que o primeiro. Mas isso não será tudo. Em 1926, ele retoma uma análise com Ruth Mack Brunswick, durante cinco meses seguidos, e depois de modo mais irregular. E, de fato, perto de sua morte, em 1979, ele não cessará de encontrar analistas, sem que se possa verdadeiramente, hoje em dia, distinguir se isso se referia de um indefinido trabalho analítico ou de qualquer outra coisa.

Se isto não é sempre possível, se não se pode distinguir o que se passou durante todos aqueles anos, entretanto alguma coisa de bastante surpreendente aconteceu. Quando o “Homem dos lobos” foi vê-lo, Freud ficou muito preocupado com a situação financeira daquele. Certamente Serguei Pankejeff ganha a sua vida, mas mal. Há muitas dificuldades financeiras e, além disso, uma esposa enferma. Desde então, não somente Freud o recebe em um tratamento gratuito, não somente incita Ruth Mack Brunswick a fazer o mesmo, mas também organiza uma coleta entre os analistas, coleta reconduzida ano a ano, para ajudar seu antigo paciente. Até o fim de sua vida, este será ajudado pela Associação Psicanalítica Internacional. Tudo se passa como se as coisas tivessem se invertido. Ele é de algum modo pago por suas contribuições à psicanálise. E quando os psicanalistas o encontram, mesmo se é para ajudá-lo, fica claro que desejam aprender alguma coisa com ele, confirmar ou precisar o que Freud acreditou apreender, ou o que mais ainda? No fundo, são os psicanalistas que se tornam os demandantes. E, não somos nós mesmos demandantes ao nosso modo quando, uma vez mais, retomamos o estudo deste caso, que já suscitou tantos trabalhos diversos?

Ora, admitam que sejamos demandantes. A psicanálise não sobreviveria, sem dúvida, se os analistas não se interessassem particularmente por aquilo que certos casos lhes ensina. Então a questão se coloca de maneira mais precisa. O que demandamos quando relemos o “Homem dos lobos”? Em suma, o que vamos aí procurar?

Eis então, finalmente, o problema que eu gostaria de colocar hoje. Acho importante colocá-lo não somente porque nós estamos no

início do ciclo de conferências, mas porque, de minha parte, considero que este texto poderia nos situar em uma posição subjetiva que não me agradaria muito. Eu explico!

Quando lemos o texto do “Homem dos lobos”, deixando-nos levar pela escrita talentosa de Freud, podemos tomá-lo por um tipo de romance, uma história tão rica, no plano imaginário, quanto um conto de fadas, e que teria a particularidade de, simplesmente, ter sido vivida. No fundo, o “Homem dos lobos” confirmaria a representação trivial da psicanálise, segundo a qual o tratamento revela uma profusão imaginária, o mundo heteróclito dos traumatismos e desejos da tenra infância. O mundo também de fantasmas, tomados comumente como tramas sedutoras ou inquietantes. E, de fato, se vocês conhecem bem o caso, vocês sabem que tudo isto é abundante no texto de Freud. Não falta nada aí. Uma criança de um ano e meio que assiste a um coito entre seu pai e sua mãe, coito que teria sido repetido três vezes, uma das quais, ao menos, naquela posição que Freud designa em latim: *a tergo*, ou ainda, *more ferarum*, ao modo dos animais. Esta criança, forçosamente, não alcança tudo nesta idade. Mas aos quatro anos, quando, entretantes, foi objeto de sedução por parte de sua irmã mais velha, e ainda de ameaças de castração logo que se volta para a sua querida babá, Nania, produz um sonho que re-elabora a cena primitiva, e que para Freud, ao mesmo tempo, prova a sua existência. Este sonho, que dá título à obra de Freud, traz à cena os lobos que fitam fixamente, como ele mesmo deve ter fitado seus pais durante a aproximação amorosa. Aliás, nesta idade ele desenvolve uma fobia dos lobos que o remete às imagens que encontrava nos contos, entre as quais a de um lobo adestrado que o assustava muito e que sua irmã se divertia em lhe mostrar. Um pouco mais tarde, sob influência de sua mãe, a neurose fóbica se transforma em neurose obsessiva, com conteúdo religioso. E, depois, há o episódio muito conhecido daquela alucinação que o faz ver um de seus dedos cortado, quase destacado de sua mão. Estou passando rapidamente, mas vocês vêem o quanto tudo isso pode seduzir até mesmo um leitor pouco curioso.

Pois bem, de minha parte, proporei a vocês, sobretudo, tentarem fazer uma abstração de todas estas imagens tão fascinantes e a acompanhar-me naquilo a que somos solicitados no momento, para além desta sedução primeira, àquilo que nós podemos apreender deste texto. Questão que se

divide, sem dúvida, em duas: que valor ele tinha para Freud? Quais são, em suma, os desafios freudianos? E que valor poderia ele conservar para nós? Em que ele nos permite colocar algumas de nossas questões, particularmente a partir de Lacan? Aliás, eu terei que misturar estes dois tipos de questões, ou seja, para cada uma que eu assinalar hoje em Freud, eu tentarei, na medida do possível, perguntar-me no que elas se transformam, em nossa concepção.

Em que ponto está Freud no momento em que ele redige o caso do “Homem dos lobos”? Em aproximadamente duas décadas, ele teve tempo para sustentar sua primeira teoria das pulsões, aquela que dá às pulsões sexuais, na medida em que se opõem às pulsões do eu, um lugar determinado na vida psíquica. Ele afirma em alto e bom tom, contra o ponto de vista dominante em sua época, que estas pulsões sexuais se desenvolviam na infância, e mesmo desde a tenra infância, nos primeiros anos de vida. Ele reuniu, em torno destas teses, um certo número de colaboradores, na Áustria e mesmo fora dela. Mas eis que, após as oposições externas à psicanálise, as primeiras deserções internas começam a aparecer. Adler primeiro, seguido de Jung, os que foram os colaboradores mais próximos e com os quais contava para desenvolver sua doutrina, se distanciaram dela. Ele teve então que refutar aquilo que considerou como as novas formas de ataque contra a psicanálise, os ataques mais perniciosos. Na realidade, de fato Adler e Jung, pretendem estender a teoria psicanalítica em apenas uma direção particular: de fato, eles a transformaram profundamente. É sobre isso que Freud discute diretamente em seu texto *Sobre a história do movimento psicanalítico*. Mas é também para refutar Adler e Jung que ele se rejubila ao encontrar, no caso do “Homem dos lobos”, os argumentos que o permitem sustentar suas teses.

Eu não vou, evidentemente, me demorar nas teorias de Adler e de Jung. Será suficiente recordar alguns pontos mais nítidos de desacordo naquela época, pontos que Freud discute explícita ou implicitamente no seu texto sobre o “Homem dos lobos”. Assim, Adler funda uma nova teoria da vida psíquica sobre a idéia de que pode haver em cada um certa inferioridade de alguns órgãos, que esta inferioridade tende a ser compensada no plano psíquico e no plano psicológico, mas em certos casos, de fato notadamente no “constrangimento da vida e da civilização [...] o processo compensatório estanca a meio caminho”. Tudo isso é conhecido,

ao menos em linhas gerais. Sabe-se notadamente que, para Adler, trata-se do sujeito reagir contra aquilo que o coloca em uma posição de inferioridade, de tentar estabelecer, em cada ocasião, sua superioridade, suas prerrogativas, sua vontade de poder. Sabe-se também que em sua doutrina este tipo de preocupação se substitui à pulsão sexual quando se trata de dar conta das formações neuróticas. Quanto a Jung, ele pretende ampliar a definição freudiana de libido, já que, para ele, esta se confunde de um certo modo com o instinto vital, do qual as diversas vicissitudes condicionam a neurose ou a psicose do sujeito: é quando não pode assumir suas funções vitais que o sujeito cai enfermo e é só mais tarde – digamos de uma forma simplificada – que ele projeta no passado, sob a forma de fantasmas, desde as formações substitutivas aos atos que ele não pode cumprir. Tanto num caso quanto no outro, os fatores inconscientes, infantis, e, propriamente falando, sexuais, perdem sua importância.

Freud não cessa de discutir, de diversas formas, em todo o seu texto, este tipo de tese. Ele o faz, por exemplo, de maneira bastante precisa, naquilo que concerne à questão da vontade de poder. Vocês sabem, se recordarem um pouco do texto, que o “Homem dos lobos” elegeu um tipo particular de objeto sexual. Trata-se de mulheres inferiores, serviçais ou camponesas. Trata-se essencialmente, pergunta-se Freud, de uma reação contra a inferioridade experimentada frente à sua irmã, que o dominou intelectualmente, e que o submeteu à uma sedução muito ativa em uma idade precoce? Para Freud, o caso do “Homem dos lobos” demonstra que se trata de algo totalmente diverso: de uma determinação libidinal precoce, com dois tempos capitais. Com um ano e meio ele teria visto sua própria mãe praticando o coito *a tergo*. E aos dois anos e meio ele teria associado a esta cena, a visão de uma empregada doméstica esfregando o chão de joelhos, com o dorso na horizontal, e com traseiros proeminentes. Vocês vêem que aqui Freud insiste em salientar a importância das percepções sexuais precoces na origem dos conflitos neuróticos tanto da criança quanto do adulto.

Este tipo de questão é discutido de modo muito aprofundado no ponto V do texto, que se chama “Algumas discussões”, e aí é Jung que é particularmente visado. A questão trata essencialmente da cena primitiva que Freud invoca na origem de tudo o que se segue, mas sobre a qual

nós teremos que discutir sua realidade. De fato, no momento em que Nania o repele, Serguei escolhe por objeto o próprio pai, de quem ele espera então uma satisfação sexual. Esta espera reativaria os traços mnêmicos da cena primitiva. Ela impulsionaria assim o medo da castração, uma vez que ser amado pelo pai equivaleria a ser transformado em mulher. Daí a angústia, e, para ser rápido, a neurose. Mas a questão decisiva é esta: o que estabelece a realidade da cena primitiva?

Pois bem, devo dizê-lo, apesar das explicações e discussões aprofundadas de Freud, as coisas estão longe de serem claras. Certamente, desde o começo do capítulo, ele afirma que não é nada impossível que uma criança de um ano e meio registre no seu inconsciente os detalhes precisos de uma cena de coito. Ele adiciona que a prática da análise prova que é sempre possível tornar esta cena consciente. Mas, duas páginas adiante, ele esclarece sobre a natureza deste “tornar consciente”. Mais que uma lembrança que o paciente possa reencontrar, trata-se de uma construção permitida pelo trabalho analítico (neste caso, mesmo que eu não tenha tempo de mostrar em detalhes, uma construção a partir da análise do sonho). De todos os modos, mesmo que o paciente diga se lembrar, isso seria verdadeiramente convincente? Nós sabemos que existem as lembranças encobridoras, que dissimulam a realidade ao disfarçá-la. Sabemos também que o neurótico, desviando do presente o seu interesse, forja os fantasmas pelos quais explica, a si mesmo, o seu estado mórbido. Qual a prova de que a cena do coito entre os pais não constitui um fantasma? Freud percebe que toda vez que viu apresentar-se, em um tratamento, uma cena primitiva, foi nesta posição – *more ferarum*. Não se trataria então, mais do que de um evento singular, de um fantasma, quase universal, pertencente à espécie, filogenético? Ou ainda, não se poderia supor que a criança tenha visto os cachorros, por exemplo, praticarem um coito, e tenha projetado esta imagem em uma aproximação amorosa que poderia ser completamente diversa, ser, por exemplo, uma manifestação muito mais discreta de ternura entre seus pais? Freud parece longe de estar seguro sobre todos estes pontos. Então ao que ele se atém? O que para ele está em jogo? E há ainda algo em jogo para nós?

Para discutir isto eu vou tomar um atalho centrando-me agora em uma nota do texto que se encontra na página 381³. Freud indica-nos que,

durante os anos de liceu, seu paciente teria sido vítima de graves inibições. Ora, acontece que o mestre que assumiria o ensino de latim se chamaria Wolf, que, como vocês sabem, quer dizer lobo em alemão. Devo citar aqui toda a nota para vocês: “Eu poderia representar para mim que de modo tranqüilo significaria, para uma consideração racionalista de uma tal história de infância, a eventual hipótese segundo a qual toda a angústia relativa ao lobo teria, em realidade, procedido do mestre de latim com mesmo nome, teria sido reprojeta na infância e teria causado a fantasia da cena originária ao se amparar sobre a ilustração do conto. Isto não é, entretanto, sustentável; a prioridade temporal da fobia de lobos e sua relação com os anos de infância, com a primeira propriedade, não está certamente atestada. E o sonho aos quatro anos?”⁴

Vocês percebem qual é o problema e de que modo ele se inscreve na controvérsia entre Freud e seus adversários, sobretudo Jung. Se de fato a cena primitiva é apenas um fantasma, digamos mesmo fantasmagoria, não renunciamos, pouco a pouco, àquilo que para Freud é essencial na psicanálise? O sexual e o infantil não estariam mais na origem do conflito patogênico. Os fantasmas sexuais constituiriam uma simples retroprojeção dos problemas do adolescente ou do adulto, de suas angústias atuais, em um período anterior de desenvolvimento.

Eis então o que está em jogo no debate entre Freud e seus adversários. Eu vou mostrar, em um instante, que não é somente deste ponto de vista, em resumo, extrínseco, que as coisas adquirem importância para ele. Todavia, pode-se agora destacar que esta espécie de questão permanece completamente atual.

Logo, não é raro que nossos analisantes ressaltem, naquilo que eles nos dizem, as dificuldades que eles experimentam, na atualidade, em suprir as necessidades de suas tarefas vitais. Não é raro que eles dêem menos importância àquelas lembranças que podem lhes surgir durante as sessões. E mesmo me parece que este gênero de dificuldades tenha uma tendência a aumentar nos nossos dias. De minha parte, estou convencido que não se pode interrogar a prática da análise sem levar em conta os fenômenos sociais onde ela se inscreve. Escrevi, neste sentido, um pequeno artigo em um número recente do *Discours psychanalytique* sobre o trabalho nos dias de hoje. Parece-me que a pressão no mundo do trabalho é

tal hoje em dia que ela encobre mais facilmente aquilo que constitui os conflitos do sujeito. Como então o analista poderia proceder? Esta é uma questão delicada. Eu diria, por enquanto, que ele não pode afiançar a mentira social que faz da planificação da produção e da distribuição de objetos o essencial para o sujeito humano, essa mentira que nos faz esquecer a importância da libido e de seu destino problemático. Talvez, entretanto, tenhamos, a partir de Lacan, o meio de abordar esta questão de uma maneira mais flexível. No fundo, na maioria das vezes nós podemos evitar intervir de modo selvagem demais, nós podemos evitar, em nossas intervenções, opor completamente um tipo de realidade a outra. Lacan nos ensinou que se a pulsão insiste em nós é graças aos significantes nos quais ela se metaforiza. Assim, mesmo quando o sujeito fala do mais cotidiano de seus aborrecimentos, isso não o impede de falar ao mesmo tempo de uma coisa outra; mesmo que ele diga que se faça engolir por sua vida profissional, isso pode ser suficiente para indicar que está em jogo alguma coisa que remete à problemática oral que é original, e que permanece sempre atual para ele. Mas é verdade que isto é por vezes difícil de entender e que, neste sentido, é importante manter firme, para nós mesmos, o ponto de vista freudiano.

No entanto, chego a um segundo aspecto do problema, articulado ao primeiro, mas que me parece mais importante. Se o desafio principal, para Freud, se ativesse às discussões das teses de Adler e de Jung, sentir-se-ia, sem dúvida, em seu texto, menos sinais de uma interrogação tão viva quanto perturbadora. É que uma questão insiste nessas páginas, e é verdadeiramente intrínseca, e não extrínseca, à pesquisa freudiana. A questão é: o que é que o psicanalista, no curso de um tratamento, pode tomar por real?

Já fiz alusão, por exemplo, ao problema que o próprio Freud recorda, aquele das lembranças encobridoras. Se mesmo aquilo que o sujeito acredita recordar-se continua sendo incerto, em que podemos nos fiar? A própria lembrança não tem valor a não ser no plano de uma interpretação. Mas o que poderia garantir a verdade de uma interpretação?

Freud a tomará mais tarde, de uma maneira mais sistemática, no artigo sobre as “Construções em análise”, esta questão que transparece em numerosas partes do texto sobre o “Homem dos lobos”. Porque, diz Freud, mais ainda que para as

interpretações, a questão se coloca para as construções. As interpretações, nós podemos defini-las com ele, como sendo sempre pontuais. O momento de uma simples troca de letra pode ter um efeito considerável. Mas basicamente, para aquele que tem a experiência da psicanálise, as interpretações, tomadas neste sentido preciso, não deixam sequer dúvida. O lapso, por exemplo, tem alguma coisa de indubitável. Por outro lado, Freud nos diz que o analista é também conduzido às construções. Ele apresentará ao analisante, diz-nos, “uma parte esquecida de sua pré-história”. Ele vai revelar, por exemplo, que até tal idade ele se considerava como “o único e absoluto possuidor de sua mãe”, que depois foi fortemente decepcionado, etc. É a propósito da construção que Freud coloca a questão de saber o que pode garantir que aquilo que o analista propõe corresponde a algo de real. Com efeito, nem o assentimento nem a denegação por parte do paciente são suficientes para provar a veracidade daquilo que foi então construído. A denegação pode ser efeito do recalque, o assentimento pode ser efeito de uma sugestão, o sujeito se encontra impelido a aceitar em virtude da influência que o psicanalista exerce sobre ele. Não retomo os detalhes do texto sobre o “Homem dos lobos”, mas aqueles que o lerem ou que o relerem convirão que as questões deste tipo são aí constantemente apresentadas.

Talvez vocês me digam que este tipo de questão perde sua pertinência para nós na medida em que não intervimos mais desta maneira, que não propomos mais, de bom grado ao analisante, estas descrições gerais de sua tenra infância. Mas qualquer que seja a forma de nossas intervenções me parece que a questão freudiana se mantém atual. O tratamento dá lugar aos fenômenos cuja importância nós sabemos, e que reagrupamos sob a rubrica de transferência. Quando, durante o tratamento, o analisante reavalia tal ou tal momento de sua história, enquanto atribui tal ou tal sentido a um fragmento de sonho, o que garante que seu discurso não está totalmente preso ao movimento da transferência? E em outro contexto, com um outro psicanalista, não teria ele sido conduzido a dizer coisas muito diferentes? É o seu discurso verdadeiro ou somente verossímil? O que, naquilo que ele diz, pode ter valor verdadeiramente de real?

Na discussão, nós poderemos retornar a certas questões, como a da transferência, que eu abordo aqui de passagem. Eu gostaria de concluir

brevemente indicando-lhes quatro dimensões por meio das quais nós podemos marcar, nós podemos destacar, que o desafio maior do texto sobre o “Homem dos lobos” concerne à questão do real. Mas vocês verão também que, em sua progressão, a definição mesma daquilo que nós chamamos de real deverá ser modificado ou, de toda forma, ao menos precisado.

Eu começarei, se lhes convém, por aquilo que nos é mais conhecido, porque Lacan tratou de modo muito explícito. Trata-se do que nós podemos designar como forclusão da castração e como retorno da castração no real. Freud, de fato, nos diz, no ítem VII de seu texto, que o “Homem dos lobos” teve uma atitude complexa no que diz respeito à castração. De um lado ele a abominava, de outro ele estava “completamente pronto a admiti-la”, e a consolar-se com a idéia de ser amado como uma mulher pelo pai. Mas havia ainda uma terceira corrente psíquica, corrente que rejeitava totalmente a castração, que fazia como se ela jamais houvesse existido. Ora, é precisamente porque há esta rejeição total, esta forclusão, como diz Lacan, é porque a castração não está nem mesmo simbolizada que, a este nível, ela pode retornar somente do exterior do sistema simbólico. Não em um sonho, por exemplo, mas em uma alucinação. É isto que acontece quando o “Homem dos lobos”, ainda criança, vê um de seus dedos cortado de sua mão, preso apenas pela pele. Lacan nos diz aqui que aquilo que foi forcluído do simbólico retorna no real, e certamente nós vamos retornar a esta questão importante.

Entretanto eu creio que não se pode ficar aí. A questão do real, sendo assim chamada pelo que Lacan pôde nos dizer de essencial sobre o “Homem dos lobos”, nós poderemos sem dúvida estendê-la bem além.

Tomemos, para começar, uma questão que não é sem importância no texto, a do tempo. Vocês sabem que Freud dá muita importância à cronologia, que ele procura se assegurar da data exata dos eventos e dos remanejamentos psíquicos. Poder-se-ia negligenciar a especificidade desta questão, considerar que, finalmente, trata-se apenas de querer estabelecer a realidade das determinações patológicas durante a infância e mesmo durante a tenra infância. Parece-me, entretanto, que nós poderíamos, nos dias de hoje, dar um estatuto outro à preocupação freudiana. Estamos atualmente menos preocupados em encontrar o mais antigo como equivalente do mais

essencial. Por outro lado, a idéia que é importante apreender, o que pode fazer série, do que vem depois ou antes em uma cadeia não é nada negligenciável para nós. Em outros termos, nós prestaremos atenção não ao conteúdo das cenas que se sucedem, a todo aspecto anedótico, imaginário, mas à relação de sucessão, ao que se inscreve em consequência do próprio mecanismo da sucessão, ao que faz traço, um traço que pode se repetir de diversas formas, em diferentes circunstâncias. Em última instância, estas séries podem ser constituídas por uma sucessão de sessões ou pela sucessão de enunciados no decorrer de uma mesma sessão. Nisso elas não conservam uma importância menos decisiva para nós. Se o que estivesse em questão fosse a significação desses elementos nós poderíamos duvidar, mas a ordem de sua sucessão, às vezes, é tal que não se pode desacreditar. Ora, aquilo de que não se pode duvidar, isso é o real.

No prolongamento desta questão do traço, podemos ainda, e este será o penúltimo ponto, assinalar que esta questão do real é central no “Homem dos lobos” ao lembrar que este texto pode parecer de todo importante para situar o que, para a psicanálise, é da ordem da letra. É Serge Leclair, sem dúvida, que em *Psicanalisar* forneceu o levantamento mais completo sobre o modo como a questão da letra se coloca no artigo de Freud. Ele nos lembra a importância do cinco, ou melhor, do V, o cinco em romano, na análise de Serguei Pankejeff. São cinco lobos, cinco é também a hora dos acessos de depressão ou de febre de que sofria o “Homem dos lobos” na infância. Mas, duplicado, é também a inicial da palavra lobo, e desses Wolf com os quais Serguei não cessa de querelar. Ainda há outras coisas que vocês encontram em *Psicanalisar*, e, por exemplo, a lembrança que o paciente relata de modo bastante preciso a Freud. Quando criança, ele foi tomado por um terrível medo de uma borboleta que pousou sobre uma flor. Eu cito: “o paciente observou que a abertura e o fechamento das asas, quando a borboleta estava parada, causara-lhe uma impressão inquietante. Era como quando uma mulher abria as pernas, e as pernas então fariam a figura de um V romano, hora, como se sabe, em que, nos anos em que já era um menininho, mas mesmo ainda agora, uma tristeza costumava aparecer” E que não nos precipitemos aqui em atribuir ao V romano um sentido, nem mesmo um sentido sexual. Na realidade, o fato de que esta letra se repita em diversos usos ao longo do texto e da vida do “Homem dos lobos” prova

que não se trata essencialmente disso. A letra conserva da imagem, unicamente, o traço, este traço quebrado em ângulo agudo. E nós poderíamos então insistir na importância como real de um elemento que se repete de modo aparentemente automático na vida do sujeito, que, por estar mais além de toda a significação particular, ilustra bem a característica de sem-sentido do real.

Há ainda um último ponto sobre o qual eu gostaria de chamar a atenção de vocês, é a questão que nós podemos nomear, com Lacan, do objeto a. Sem dúvida, retornaremos também a isto durante este ciclo de conferências. Para se ter uma idéia, reportem-se simplesmente ao sonho dos lobos. Como Serguei Pankejeff diz que este sonho lhe deu um forte sentimento de realidade efetiva, que ao acordar ele levou muito tempo para se convencer de que se tratava apenas de um sonho, Freud deduz que este sonho remete a uma cena anterior realmente vivida. Sem necessariamente contestar esse ponto, é possível se perguntar se a dimensão de real aqui não está ligada à presença de um objeto particular que é o objeto olhar. O olhar é o olhar dos lobos, mas também o do próprio sonhador, porque, para Serguei, está ligado ao retorno da cena primitiva. Esse olhar, que se destaca no sonho e suscita todo o peso de real, Lacan diz, às vezes, que o sujeito constitui o corte deste olhar. Não é que os lobos se assemelhem ao sonhador. Não estamos aqui na ordem do especular. Mas o sonhador se faz lobo que olha, ou, melhor ainda, ele se reduz ao ponto, no momento, em que o olhar se destaca como tal. Sem dúvida, seria importante que nós estivéssemos atentos a esse tipo de coisa, porque todo tratamento que é levado até um certo ponto comporta ao menos um momento deste tipo. Em todo caso, podemos ver aí ainda um dos caminhos que poderia nos levar à questão do real.

Eis então o que eu gostaria de dizer hoje para começar a abordar o texto do “Homem dos lobos”. Não pretendi, como vocês viram, abordar todas as questões que ele coloca. Mas acredito poder ter mostrado que além dos desafios que ele comporta explicitamente para Freud, ele nos remete à interrogação sobre o que constitui o real para a psicanálise, questão essencial para nós.

Algumas reflexões sobre a questão da castração a partir do Homem dos lobos

Falarei hoje da questão da castração, que é uma questão que vou articular, certamente, com a leitura que eu posso fazer do Homem dos lobos.

Evidentemente não pretendo que tudo o que eu vou dizer a vocês hoje seja totalmente decorrente desta leitura. Seria no mínimo artificial começar a leitura do Homem dos lobos como se houvéssemos feito uma tábula rasa das diversas questões que nós nos colocamos sobre tal ou tal ponto essencial e das repostas que, pouco a pouco, tentamos trazer a estas questões. Mas é precisamente a partir daí que nós podemos situar todo interesse deste trabalho sobre o Homem dos lobos. Este trabalho nos permite precisar para nós mesmos um certo número de contribuições de Freud e de Lacan, eventualmente de alguns outros psicanalistas; mas, de mesmo modo, – isto, sem dúvida, é o essencial – este trabalho nos permite colocar à prova, a respeito de um caso específico, algumas hipóteses que podemos formular sobre as questões que nos parecem cruciais hoje em dia.

Como eu lhes disse, minhas questões dizem respeito ao tema da castração. De fato, eu partirei da questão da forclusão, da qual eu creio que já falamos. Mas vocês verão que serei conduzido pouco a pouco a me distanciar deste ponto de partida.

Há, seguramente, em um caso como este que nos ocupa, ao menos dois modos de proceder. O primeiro é partir de um certo número de conceitos que possam nos parecer adquiridos. Por exemplo, recalçamento de uma parte e forclusão de outra; ou ainda: reconhecimento da castração de um lado e, de outro, rejeição da castração; ou, enfim, neurose de um lado e psicose de outra. Com o auxílio destes conceitos, pode-se apreender melhor aquilo que acontece em um caso como este que nos ocupa. Para começar, é um caminho deste tipo que eu seguirei. Mas talvez a caminhada inversa seja mais interessante. Na ocasião, trata-se daquilo que apreendemos de um caso, além de interrogar os conceitos psicanalíticos. É aí que eu quero chegar, ao menos no que concerne à castração.

Sobre o quê, a partir de Lacan, nós atribuímos mais correntemente que se trata no Homem dos lobos? Vocês sabem que Lacan atribuiu uma importância toda particular ao episódio da alucinação do dedo cortado. Com a idade de cinco anos, Serguei brinca de entalhar as

casca das noqueiras com seu canivete de bolso. Ele se dá conta subitamente – é uma alucinação – que cortou um dedo, de tal modo que ele se sustenta apenas pela pele. Só instantes depois é que ele percebe que nada disso aconteceu. Freud introduz esta passagem depois de ter falado da atitude que a criança adotou em relação à castração. Era uma atitude complexa, da qual nós retemos, sobretudo, que, de um certo ponto de vista, Serguei não queria de modo algum saber da castração. “As coisas se passavam como se ela não existisse”. Freud emprega a palavra *Verwerfung*, que Lacan propôs traduzir por forclusão. Ora, vocês sabem que Lacan fez deste conceito de forclusão o conceito fundamental para dar conta da psicose. Para Lacan, há no psicótico, forclusão, rejeição, não simbolização, de alguma coisa de essencial, a saber, daquilo que representa em cada um de nós a lei, forclusão daquilo que Lacan chama o Nome-do-Pai. Certamente vocês sabem que a forclusão se oporá ao recalçamento, no sentido que aquilo que é recalçado é ao mesmo tempo inscrito, simbolizado, o que não é o caso daquilo que é forcluído. É verdade que nem tudo isso está completamente elaborado à época do *Seminário 1*, o qual Lacan comenta o caso, e ainda menos dois anos antes em um seminário não publicado do qual temos alguns traços. Mas comumente, lemos estes textos a partir dos textos seguintes. Frequentemente nós assimilamos a forclusão da castração e a forclusão do Nome-do-Pai (afinal, a castração pode ser entendida como a própria lei, o Nome-do-Pai como aquilo a partir do que esta lei será instaurada). Não nos preocupamos demais pelo fato de não ser nada certo que o Homem dos lobos seja um psicótico (no que concerne à alucinação, Lacan fala de “fenômenos de psicose”). Melhor, há ao menos um ponto por onde aquilo que se passa aqui parece ilustrar, para nós, a forclusão de modo emblemático. É que nós aprendemos que aquilo que é forcluído do simbólico retorna no real. Onde melhor que aqui poderíamos apreender este fenômeno? Precisamente porque Serguei teria querido nada saber da castração ele se encontraria confrontado com a visão de uma mutilação, a uma percepção que se impõe com força, a uma percepção da qual ele não poderia duvidar, ao menos por um momento, enfim, a alguma questão que tem valor de real. Eis então o que pode parecer constituir a base comum à qual os analistas, pelos menos os analistas lacanianos, podem se referir.

Entretanto, será que as coisas são assim

simples? Para dizer a verdade, elas são menos evidentes do que aparentam ser. Vocês encontram um indício disto no fato de que numerosos autores, que se referem correntemente a Lacan, puderam sublinhar diversas dificuldades e ambigüidades. Eu vou citar algumas delas a fim de dar-lhes uma idéia.

Primeiramente farei referência a um texto que é interessante de ser citado e discutido em detalhes, mas sobre o qual creio não será possível me estender uma vez que ele ainda não está publicado. Trata-se de uma resenha feita por Moustapha Safouan do *Seminário 1* de Lacan. Moustapha Safouan considera que a evocação da forclusão a respeito do Homem dos lobos “é, no mínimo, surpreendente”. “Porque, diz ele, se há uma observação em que a ameaça de castração é legível em todas as páginas, é na do ‘Homem dos lobos’, e talvez seja daí que vem toda a espécie de fascinação que esta observação exerce sobre o leitor”. Poderíamos certamente lembrar aqui que Freud leva em conta as muitas correntes psíquicas que coexistem no “Homem dos lobos” a respeito desta questão da castração, coexistência que, com certeza, Moustapha Safouan leva em consideração. Todavia tomaremos seu texto ao menos como a indicação de um problema difícil. Como se pode afirmar que um sujeito, de alguma forma, rejeitou totalmente a castração, ao passo que, por outro lado, a abomina e que, ao lado disso, está ainda totalmente pronto (aí eu cito Freud) “a aceitá-la e a se consolar a respeito da feminilidade a título de substituto”?

Será que é porque não é fácil sustentar tudo isso ao mesmo tempo, que Denise Lachaud, em um livro recente, *L'enfer du devoir* [*O inferno do dever*], faz tudo deslizar para o lado do recalçamento? Ela observa que, na maior parte do tempo, em seu artigo, Freud não fala de *Verwerfung* (forclusão), mas de *Verdrängung* (recalçamento). Ela considera que a fórmula “nada querer saber no sentido do recalçamento” foi mal entendida; é verdade que esta fórmula pode querer dizer duas coisas bem diferentes, que em si mesma não quer necessariamente dizer que não há recalçamento. A autora sublinha fórmulas que com certeza encontramos em Freud, como esta frase na qual ele diz que o Homem dos lobos “havia reconhecido a castração como um fato real”. Sem dúvida, isso tudo vêm do fato de que ela procura apresentar o Homem dos lobos como um caso típico de obsessivo. Ela escreve que, “Quando se trata de neurose obsessiva, nós devemos deixar de traduzir

Verwerfung por forclusão ligada ao Nome-do-Pai – pedra angular da estrutura psicótica. Conservar supressão seria mais pertinente, uma vez que o obsessivo não cessa de repetir a operação da castração: cortar e recortar”. O que se pode pensar de tudo isso? Quanto a mim, o que me incomoda nos apontamentos de Denise Lachaud, é que ela parte da atribuição ao Homem dos lobos de uma estrutura determinada através da dedução da natureza dos fenômenos que aí estão em jogo. Não creio que este seja o melhor método.

Não me parece inútil, no ponto em que estamos deste pequeno percurso, apresentar para vocês igualmente uma tentativa bem original para resolver o problema que nos ocupa. É a de Henri Rey-Flaud, no livro que se chama: *Comment Freud inventa le fétichisme... et réinventa la psychanalyse* [Como Freud inventou o fetichismo ... e reinventou a psicanálise]. Como Henri Rey-Flaud dá conta, naquilo que lhe concerne, desta coexistência das várias “correntes opostas”? Se o seguirmos bem, se relermos, juntas, as diversas passagens do livro, perceberemos que ele conduz a uma clivagem, clivagem que, em última instância poderia formalizar-se em torno do signo V, do cinco romano. “O Homem dos lobos (...), nos diz ele, (estava) dividido originariamente entre uma ‘rejeição’ da castração (*Verwerfung*), que o situaria em uma vertente de gozo, e um reconhecimento da castração (*Anerkennung*), que o inscreveria no registro da neurose e do desejo”. Mas, Henri Rey-Flaud concebe esta clivagem sobre o modelo da clivagem fetichista. O objeto fetiche, vocês sabem, pode representar, ao mesmo tempo, o reconhecimento e a recusa da castração. É caso, por exemplo, daquele homem de quem Freud fala, que elegeu por fetiche uma cinta pubiana que ele poderia usar como calção de banho. Esta peça do vestuário, que escondia os órgãos genitais, podia significar tanto que a mulher era castrada como que ela não era castrada e, de acréscimo, isto permitia supor a castração do homem. Ora, é um mecanismo deste tipo que Henri Rey-Flaud supõe encontrar no Homem dos lobos. O V ou o cinco romano adquire aqui valor de ponto pivô da clivagem. Vê-se bem, na cena da borboleta que voa, como ela poderia funcionar, no campo do desejo, como sinal de angústia face à ameaça da castração. Mas, ao mesmo tempo, remetendo à cena primitiva, constitui a letra mesma do gozo, aquela que impõe voltar sempre pelos mesmos caminhos, e vocês sabem que

efetivamente, nas mulheres, havia ao menos uma postura que para o Homem dos lobos tinha valor de fetiche, aquela na qual a mulher se encontra ajoelhada e com o dorso na horizontal, como Grouscha, por exemplo, quando esfrega o assoalho, como tal outra serviçal ou tal camponesa ulteriormente, mas também como a mãe na cena primitiva.

Que pensar desta elaboração? Dentro de um instante voltarei a falar dela novamente, mas creio que devo assinalar desde já que Henri Rey-Flaud pensa poder apoiar-se em um forte argumento que ele nos apresenta em sua totalidade no final de seu livro, como se ele tivesse conservado seu trunfo até o fim. De fato, ele procedeu a uma reaproximação termo a termo da apresentação do Homem dos lobos, por um lado, e, por um outro lado, da apresentação de um caso de fetichismo no célebre artigo “A Clivagem do eu nos processos de defesa” também de Freud. Para ele, há uma grande semelhança entre os dois textos, semelhança que autoriza a pensar que se trata, na realidade, de um único e mesmo paciente. Se for de interesse, retomem vocês mesmos os termos deste dossiê. De minha parte, serei levado a colocar os problemas de modo um pouco diferente.

Entretanto, farei ainda referência a um último autor, Claude Rabant, e mais precisamente ao seu livro *Inventer le réel* [Inventar o real], cujo subtítulo é *Le déni entre perversion et psychose* [A recusa entre perversão e psicose]. Há neste livro um apêndice no qual examina os termos recusa (*déni*) e forclusão em suas relações conceituais. Não entrarei muito em detalhes acerca deste apêndice que é totalmente orientado para uma questão de fato difícil: o que levou Lacan a privilegiar o termo de *Verwerfung* para tratar da psicose ao passo que Freud utiliza com mais frequência o termo *Verleugnung*, recusa (*déni*) ou reprovação (*désaveu*), ou ainda, desmentido (*démenti*)? O que me interessa no texto é que Claude Rabant será conduzido, pela lógica das questões que ele se coloca, a lembrar que a *Verwerfung* não é, para Lacan, somente um mecanismo particular, específico ao campo das psicoses, mas um tempo originário, tempo que concerne à rejeição de um significante fundamental, e sobre o fundo do qual se perfilam os diferentes fenômenos de *Verneinung*, de denegação, que constituem as diferentes neuroses. Claude Rabant se apóia em um capítulo difícil do

seminário sobre *As Psicoses*, o capítulo XI. Quanto a mim, parece-me agora mais simples trazer uma questão muito próxima que podemos introduzir a partir do *Seminário 1*.

Na verdade, o que constatamos quando releemos o *Seminário 1*, tentando esquecer um pouco as colocações necessariamente esquemáticas que recordamos melhor? De início percebemos que, desde a primeira lição, Lacan se refere ao Homem dos lobos várias vezes e em registros bastante diferentes. Sua reflexão sobre o recalçamento, sobre a reconstrução da história do sujeito, sobre o trauma, parece ter sempre o texto de Freud como pano de fundo. Do que trata agora quando pela primeira vez, na lição 4, a sessão que precede a intervenção de Hyppolite, ele aborda a questão da *Verwerfung*? Esta *Verwerfung* que ele aceita traduzir pelo termo “rejeição”, pela sugestão do filósofo, ou ainda pelo termo de recusa, esta *Verwerfung* que ele começa justamente a isolar como tal, o que Lacan quer, sobretudo, ver aí? Trata-se, diz-nos Lacan nesta lição, de alguma coisa – eu cito – alguma coisa que está “para-além do recalçamento, alguma coisa de derradeiro (...) um primeiro núcleo do recalçamento”. Ao não se formular, este núcleo é “literalmente como se ele não existisse”. E, portanto, – continuo a citar – “ele é o centro de atração que chama a si todos os recalçamentos ulteriores”.

Então, é claro que vocês reconhecem aqui o que nós chamamos recalçamento originário. Sem dúvida, a maioria de vocês já tinha descoberto esta passagem do seminário na qual cheguei após muitas voltas. A primeira vez que Lacan fala de *Verwerfung*, a primeira vez que ele a isola no Homem dos lobos, é para fazer dela não somente o mecanismo explicativo da psicose, mas uma ilustração do que pode ser o recalçamento originário, entendido como o que funciona para cada um. Para ser mais preciso, o que Freud designa como *Verwerfung* da castração no Homem dos lobos, e vou agora insistir neste termo castração, ora, é aí que Lacan nos sugere apreender por trás daquilo que para nós todos se sustenta como recalçamento. É deste ponto que partirei agora para inverter a questão que nos colocamos comumente. Não se tratará mais de perguntar como a forclusão da castração pode esclarecer aquilo que acontece com o Homem dos lobos. Tratar-se-á de destacar que o trabalho de Lacan sobre o Homem dos lobos o conduz a conceber uma rejeição radical da

castração, rejeição que vale para cada um. É então a partir daí que seremos conduzidos a uma reflexão de conjunto sobre a castração, uma reflexão que eu certamente poderia apenas esboçar, uma vez que em uma simples conferência não se pode de modo algum ir muito longe sobre um ponto assim tão importante. No fundo, vou agora começar a formular algumas pontuações para situar as questões aqui em jogo, e espero simplesmente que eu possa, por fim, dar-lhes uma idéia da maneira pela qual eu me oriento nestas questões.

Primeira observação: uma vez se tenha realçado, no próprio Freud, o tipo de estrutura em jogo no Homem dos lobos, pode-se reencontrá-la, aparentemente idêntica, em outros textos. Tomemos, por exemplo, um texto tão importante como “A dissolução do complexo de Édipo”. Freud procura mostrar como a criança, ou ao menos o menino, pode encontrar, em um dado momento, uma ameaça de castração e como é “essa ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança”. Mas Freud destaca imediatamente que “logo de início a criança não atribui à ameaça nenhuma crença nem nenhuma obediência”. Em suma, o primeiro movimento é aquele mesmo do Homem dos lobos; nada querer saber dela. E mesmo depois, diz Freud, quando a criança começa a contar com a possibilidade da castração, é “ainda aí hesitante, a contragosto, e não sem esforço para reduzir o alcance de sua própria observação”. Em outras palavras, parece bem que, também aqui, inevitavelmente coexistem muitas posições diferentes quanto à castração.

Segunda observação: que é, na verdade, uma questão. No ponto em que nos encontramos, o que chamamos de castração? A questão não parecia simples para o próprio Lacan, uma vez que até em seus seminários mais tardios ele afirma não saber bem do que se trata. No texto de Freud que eu cito para vocês, “A dissolução do complexo de Édipo”, pode-se crer que se trata de uma ameaça bem precisa, aquela que é feita ao menininho de retirar-lhe o pênis. Mas Freud diz que esta ameaça pode ser simbolicamente atenuada: por exemplo, quando a criança se masturba pode-se aí lhe anunciar a supressão, não do pênis, mas da mão, que peca ativamente. Ora, esta referência a uma dimensão simbólica é aqui bem útil. Ela mostra que, já para Freud, o importante não fosse, talvez, a dimensão real da ameaça, mas o fato de que no universo dos símbolos, onde a criança se situa, há

as atividades às quais ela deve renunciar – masturbação, mas também enurese, por exemplo – e esta renúncia nós devemos primeiramente designar como castração. Esta modificação tem uma conseqüência não negligenciável. Ela permite conceber mais facilmente que a castração concerne aos dois sexos, que todas as questões que procurei apresentar para vocês esta manhã, nós vamos colocá-las para os dois sexos. Em suma, é sobre a castração como operação simbólica, é sobre a castração como interdito que trata nosso questionamento. Quando o tema da *Verwerfung* nos leva à idéia de um recalçamento originário da castração é nossa relação com o interdito fundamental que está em questão.

Terceira observação: o que eu gostaria agora de circunscrever um pouco mais de perto, o que eu gostaria agora de destacar, é alguma coisa que representa sem dúvida um ponto de bifurcação importante, um ponto a partir do qual, com Lacan, nós nos distanciamos, incontestavelmente, de uma leitura trivial do legado de Freud. O que poderíamos efetivamente pensar, ao ler Freud sem muita atenção? Poderíamos crer que o que fica recalçado, é aquilo sobre o que incide o interdito, o desejo edipiano, ou ainda diversas manifestações da pulsão, o que sei mais? No entanto nós sabemos que desde o início Freud apresentou as coisas de modo muito diferente, por exemplo a propósito da neurose obsessiva (e eu penso particularmente em um artigo de 1896, “Observações adicionais sobre as psiconeuroses de defesa”). Aí, o que se encontra recalçado não é somente um desejo, mas a censura que se encontra ligada à satisfação deste desejo, a censura que representa aqui o próprio interdito. Parece-me que Lacan pôde sistematizar este tipo de representações ao nos mostrar que nós nos defendemos não somente contra o desejo, mas também contra a própria castração. É por isto que, ao meu ver, toda a elaboração concernente à *Verwerfung* no *Seminário I* é essencial. Talvez porque sabemos que ela está na origem de uma reflexão original sobre a psicose nós esquecemos que ela conduz também à idéia que, para cada um, a castração pode cair sob o golpe de um radical “dela, eu não quero saber nada”. Além disso, a castração é não somente o que nos faz recalçar, mas é o que para cada um deve permanecer despercebido, e é o *Seminário I* que está na origem desta reflexão importante que eu procuro apresentar para vocês.

Quarta observação. É a idéia de que para cada

um há um “nada querer saber da castração”, esta idéia de que para cada um há defesa contra a castração que nos traz de volta, agora, a uma questão difícil, a do que se pode ter aí de comum entre as diferentes estruturas que nós levamos em consideração: neurose, psicose e perversão. E é a partir disso que certamente eu devo mostrar a maneira pela qual eu me encontro aí.

Dentro de uns meses teremos as jornadas de estudo sobre a questão dos *borderline*, ou seja, daqueles casos supostamente intermediários entre neurose e psicose. Mas vocês vêem que talvez nós tenhamos que considerar as coisas em um nível mais radical. Até onde vai esta aproximação que faz com que agora, nós reconduzamos todas as estruturas à esta forclusão ou a este recalçamento originário? E como manter uma distinção apesar desta aproximação?

Para dizer a verdade, esta questão me parece, em toda a sua extensão, bastante difícil. No entanto, seria essencial que fosse articulada, pois temos a impressão de encontrá-la freqüentemente na prática. Por exemplo, nós podemos ter a impressão de que, para determinado sujeito, por um lado, alguma coisa da lei tenha sido simbolizada, mas que, por outro lado, em parte, isto se manteve e, por exemplo, que uma forclusão parece ter funcionado em um outro ponto (eu penso, por exemplo, no que aconteceu em certas famílias, depois da última guerra e do Shoah, quando uma origem judaica foi completamente silenciada: temos aí alguma coisa como uma forclusão parcial que pode muito bem coexistir com uma formação neurótica). Ou ainda podemos ter a impressão que tal sujeito está totalmente tomado na ordem do recalçamento, até o momento em que uma perversão transitória nos mostra a que ponto pode haver aí, também nele, uma recusa (*déni*), uma recusa muito ativa da castração. Então, como nos situarmos frente a tudo isso?

É nesse ponto que nós encontramos as questões que colocávamos no início, acerca desta coexistência de várias correntes psíquicas em um mesmo sujeito, ou mesmo a questão, sugerida pela leitura de Henri Rey-Flaud. A questão de uma clivagem entre reconhecimento da castração e rejeição da castração. Mas agora nós podemos não mais colocar esta questão a propósito de um sujeito particular, Serguei Pankejeff. Pouco nos importa, no fundo, que o Homem dos lobos e o fetichista do texto sobre a clivagem do eu sejam uma única e mesma pessoa. Em contrapartida talvez seja mais

importante que nos perguntemos o que para cada um pode valer como coexistência de várias correntes psíquicas; e é sem dúvida também importante nos perguntarmos se esta coexistência pode ser pensada na ordem da clivagem, sobre o modelo - porque não? - da organização fetichista.

A clivagem comum – se é que se pode falar assim – está bem ilustrada por uma fórmula célebre, que é célebre, desde o artigo de Octave Mannoni publicado em “Clefs pour l’imaginaire ou l’Autre scène” [“Chaves para o imaginário ou a outra cena”]. É a fórmula: eu sei, mas mesmo assim.... Eu sei, diríamos, que há aí um interdito do incesto, ou ainda eu sei que não se pode ser o falo e tê-lo ao mesmo tempo, ou seja, ser significante do desejo e ao mesmo tempo se prevalecer das insígnias da virilidade. Em suma, eu sei bem que tudo não é possível. Mas ao mesmo tempo eu faço como se eu não soubesse nada disso e, no entanto, em algum lugar, em um espaço geralmente demarcável, eu atesto que escapo à castração. Eu escapo de uma maneira freqüentemente muito paradoxal uma vez que de resto isso pode realmente ser um sintoma que constitui minha força, uma vez que me reconheço nele, uma vez que me garante um ser no qual me asseguro, e, de modo acessório, porque ele obriga os que me rodeiam a adotarem algumas precauções. Eu escapo de uma maneira paradoxal, mas eu escapo.

Entretanto prevejo aqui, uma objeção, e, se aceitarem, eu a farei no lugar de vocês. Talvez, vocês me dirão que há em cada um uma atitude ambígua acerca da castração. Mas que o ganhamos ao aproximá-la assim do fetichismo, ou seja, de uma organização do desejo que se encontra freqüentemente associada de modo essencial à perversão? Uma tal aproximação é verdadeiramente esclarecedora?

Para falar a verdade, se me seguiram de perto, vocês sem dúvida perceberam que eu não falo aqui propriamente de um mecanismo perverso, mas de alguma coisa de estrutural que se deveria situar aí, mesmo se isso permanece problemático, mais além ou mais aquém do que podemos descrever a propósito de tal ou tal estrutura particular. Mas, com a condição de estar bem de acordo sobre isso, me parece que, o que eu adianto é bastante esclarecedor mesmo ali onde não se manifesta o quadro de uma organização perversa do desejo.

Tomemos, por exemplo, um caso de inibição, o mais trivial, um caso que provenha

daquela clínica da neurose que nos ocupa cotidianamente, um caso que eu simplifico muito para lhe dar valor paradigmático. Trata-se de uma jovem que não pode escrever, e que se apercebe, um dia, sem que o analista tenha feito grande coisa para isso, que se ela se interdita de escrever é sem dúvida porque a caneta é um símbolo fálico, e que manifestamente ela não pode se apropriar de um instrumento ao qual, enquanto mulher, ela não tem direito.

Diremos então, que esta jovem tem acesso ao que, para ela, constitui a castração, da qual ela pode falar verdadeiramente e que esta fala constitui um progresso, que ela terá efeitos libertadores? Ora, isto não é nada certo. Aquilo que ela sobretudo traz à luz são os impedimentos comuns nos quais ela se enreda –, o que de fato faz com que ela evite sobretudo confrontar-se com questões mais decisivas para ela. Melhor ainda, pode-se dizer que seu sintoma constitui uma representação que comporta uma parte de zombaria. É como se, dirigindo-se ao Outro, ela lhe dissesse: deve haver renúncia aí? mas sim, mas sim... veja como eu já evito escrever. Não é isto um grande sacrifício? Ora, eu penso que esta zombaria não é sem relação com a recusa (*déni*) perversa, e não é sem dúvida um acaso que esta jovem, neurótica obsessiva, pôde, em certas ocasiões, colocar em ato uma prática perversa.

Talvez vocês pudessem querer que, antes de concluir, eu retorne ao “Homem dos lobos”. Penso que ele nos levou a questões importantes, que partiram, para mim, deste termo da *Verwerfung*, mas sobretudo do lugar que Lacan concedeu-lhe no início de sua reflexão. Podemos, então, ao fim deste trajeto, nos perguntarmos se as vias que eu creio poder ter esclarecido aqui ajudam a dar conta do que se passa para ele?

De que se trata, no final das contas? Trata-se deste campo bastante vasto que, no fundo, constitui o essencial de nossa clínica, esse campo no qual o sujeito reconhece a castração, mas, ao mesmo tempo, de um modo ou de outro, indica que ele está decidido a não levá-la verdadeiramente a sério. Um dos meios comuns será o de não querer ver nela a lei simbólica que nos comanda a todos, mas de imaginá-la, de imaginarizá-la nas diferentes formas em que atinge o corpo e que cada um pode temer. Freud já havia destacado que, no Homem dos lobos, o temor da disenteria e os problemas intestinais teriam o valor de uma identificação com a mãe.

Trata-se, neste nível, de contornar a questão da diferença dos sexos e a da castração ao gozar de uma posição feminina. Mais tarde, as preocupações hipocondríacas se reportarão sobretudo aos dentes ou ao nariz: é do nariz, é dos dentes que ele não pára de reclamar, do mesmo modo que, certamente, dos tratamentos sempre supostamente incorretos, aos quais é levado a se submeter. Vocês encontram uma descrição muito completa de tudo isso no relato de Ruth Mack Brunswick, *Supplément a l'“extrait de l'histoire d'une névrose infantile”* [Suplemento ao “extrato da história de uma neurose infantil”] de Freud. São fenômenos finalmente muito próximos do episódio do dedo cortado, e eu penso que Ruth Mack Brunswick tem boas razões para falar de uma “castração de ordem alucinatória”. Mas a insistência com a qual ele reporta toda castração possível aos seus órgãos faz pensar que se trata igualmente de preservar outra coisa, de preservar um falo que o nariz, por exemplo, não faz mais que metaforizar.

Eu acrescento ainda uma última observação a respeito da questão desta ferida situada no do nariz. Diversas associações mostram que o nariz remete ao judeu, que em certas representações é provido de um nariz longo e adunco. Ora, eu tenho acreditado poder constatar que, entre os sujeitos que não são judeus, o tema da judeidade, e mais precisamente da circuncisão ritual, está freqüentemente presente quando a questão da castração se coloca em uma dimensão simbolicamente mal elaborada, e que então ela deve ser articulada com a imagem de uma mutilação real.

É isso aí! Vou interromper aqui a minha intervenção. Estou consciente que, forçosamente, deixo zonas de sombra sobre uma questão difícil. O que me faz parar é o lugar que pôde tomar a clivagem fetichista, na minha releitura da coexistência em cada um de diversas correntes psíquicas. Para terminar eu reconheço que esta orientação talvez dependa daquilo que creio apreender na clínica. Parece-me, de fato, que o sujeito moderno, mesmo quando é neurótico, freqüentemente lança mão de mecanismos perversos em suas formas de defesa contra a castração. Eu não poderia com certeza demonstrar para vocês, uma vez que isto constitui para mim o cerne de um trabalho de muito tempo. Mas, para terminar, eu penso que foi necessário

indicar para que meus questionamentos atuais sobre o “Homem dos lobos” juntem-se a outros problemas mais gerais.

A interpretação lacaniana

Como abordar o caso do “Homem dos lobos”? Vocês sabem quantos analistas, desde Freud, já tentaram fazê-lo. Acontece que o relato do próprio Freud, assim como os textos que rapidamente a seguiram, são bastante detalhados para permitir a cada um arriscar uma nova interpretação.

Não é este exatamente a meu objetivo hoje. Não tenho a idéia de reler o caso do “Homem dos lobos” como se tudo tivesse que ser retomado a partir de Freud e de seus contemporâneos imediatos, como Ruth Mack Brunswick. O caso do “Homem dos lobos” coloca muitas coisas em jogo, como Jean-Jacques Rastier acaba de lembrar, mas o que está em jogo se situa em diferentes níveis. Para Freud, o que estava em jogo não podia se distinguir de uma interrogação sobre a realidade da cena primitiva, assim como de uma discussão das teorias de Jung e de Adler. Para Lacan, há outras coisas em jogo, sobre as quais vou lhes falar. No meu modo de entender, as questões que podemos nos colocar supõem que situemos onde estamos na leitura de Lacan. É por isso que eu decidi falar, almejando com isso contribuir para o trabalho destas jornadas. E colocarei, com certeza, minhas próprias questões, mas estas questões eu as conduzirei a partir dos avanços do próprio Lacan.

Lacan contra Freud?

No que se refere a Lacan, conserva-se com mais freqüência o que ele disse a respeito de uma forclusão da castração no “Homem dos lobos”. Partirei então daí, mas meu desenvolvimento me conduzirá a alargar pouco a pouco esta questão e evocar os textos que são ou anteriores ou posteriores aos textos nos quais se pensa mais seguidamente.

No caso do “Homem dos lobos”, Lacan dá particular importância ao relato da alucinação do dedo cortado. O “Homem dos lobos” conta que, aos cinco anos, brincando com um canivete, ele viu que havia seccionado o dedo mínimo de sua

mão (não se sabe se esquerda ou direita) e que este dedo estava preso apenas pela pele. Encontra-se aí, diz Lacan, um fenômeno de psicose. Mas, ao mesmo tempo, ao menos no *Seminário 1*, Lacan diz também que “o sujeito não é de modo algum psicótico (...) ele poderá ser psicótico mais tarde, ele não o é no momento em que tem esta vivência absolutamente limitada”. Em outros termos, o caráter limitado do fenômeno aqui em questão impede que possamos decidir a estrutura do sujeito. Por outro lado, tem-se uma alucinação psicótica, ligada a uma forclusão da castração. É de fato, pelo termo de forclusão que Lacan traduzirá, após um momento de hesitação que não é sem interesse, o termo *Verwerfung* que ele destaca em Freud. Retomando de muito perto o texto de Freud, Lacan afirma que o sujeito nada queria saber da castração, que ele a havia rejeitado, ou ainda que não houve *Bejahung*. A partir de então, a castração, que não é simbolizada, faz retorno no real. É isso, a forclusão, uma não-simbolização, uma rejeição mais radical que a do recalçamento, uma vez que o recalçamento supõe de início que tenha sido reconhecido o que é depois negado.

Como retomar, hoje, estas teses bem conhecidas? Vocês me permitirão não seguir passo a passo a leitura proposta por Lacan. Nós sabemos onde encontrá-las, nos *Seminários 1 e 3*, assim como nos *Escritos*. Eu não discutirei por mais tempo tal ou tal detalhe da tradução. Quando Freud diz que o “Homem dos lobos” nada quis saber da castração, no sentido no recalçamento, é tão evidente que isto quer dizer que ele rejeitava mesmo este saber, que é aquele que mantém o recalçamento? Não se poderia compreender, mais simplesmente, que seu nada querer saber estivesse na ordem do recalçamento? De fato, o problema me parece mais amplo, e, talvez, durante estas jornadas, nós possamos recolocá-lo. Para iniciar, me apoiarei em uma questão posta por Moustapha Safouan em um comentário, ainda inédito, do *Seminário 1*: “A evocação da forclusão (da castração) a propósito do ‘Homem dos lobos’ é, pelo menos, surpreendente. Porque, se há uma relato em que a ameaça de castração é legível em todas as páginas, é precisamente aquele do ‘Homem dos lobos’”.

Há aí, devo dizer, uma questão difícil. Será que a análise de Lacan vai no mesmo sentido da de Freud ou será que ele modifica profundamente seus termos?

O que se poderia de início dizer a respeito desta consideração de Moustapha Safouan é que precisamente o próprio Freud, falando do “Homem dos lobos”, tinha destacado que coexistem diferentes correntes psíquicas com relação à castração. Digamos, para simplificar, que, por um lado, o “Homem dos lobos” rejeitava totalmente a castração e, por outro, ele a reconhecia, seja por abominá-la ou por aceitá-la. Isto poderia constituir um elemento de resposta. Por um lado, a castração estaria presente, e onipresente. Por outro, ela estaria forcluída.

Reconhecemos, entretanto, que esta resposta pode não parecer totalmente satisfatória. De fato, mesmo se, para Freud, haja coexistência destas diferentes correntes psíquicas, a alucinação do dedo cortado se inscreve aparentemente de modo claro na vertente onde a castração está presente. Pode-se mesmo dizer que ela constitui uma prova, no diálogo que Freud mantém com o “Homem dos lobos”. Essa alucinação prova que houve medo da castração, como é particularmente claro no artigo “Sobre *fausse reconnaissance* (*‘djà raconté*)” no curso do trabalho analítico”. Ao passo que para Lacan, pode parecer, no decorrer dos anos, que as coisas se apresentam de forma mais abrupta. É o caso do *Seminário 3*, onde ele diz que o “Homem dos lobos” não deixava de testemunhar “tendências e propriedades psicóticas”, e que ele teria “rejeitado toda entrada da castração (...) no registro da função simbólica”. Contudo notemos que, mesmo neste seminário, ele reconhece que a castração é evidente, no que concerne ao “Homem dos lobos”, em sua conduta.

Como então situar isto? Parece-me que nos textos de Lacan a elaboração acerca do “Homem dos lobos” vai por duas direções diferentes, que têm cada uma seus desafios. A primeira concerne especificamente à teoria da psicose, e, para começar, Lacan se encontra, sem dúvida, conduzido a acentuar a idéia de uma forclusão da castração. Por outro lado, há também os textos que me parecem ir por um caminho bastante diferente.

A psicose

No que concerne à psicose, eu não acrescentarei muita coisa hoje. Sabe-se a que ponto a análise de Lacan renovou a abordagem da alucinação. Existe aí um ponto muito forte na sua análise, um ponto tão forte que nossas eventuais

objeções mudam de estatuto. Se nós temos a impressão de que a castração está presente em todas as linhas do texto de Freud, e se Lacan diz o contrário, isto nos mostra somente que, entre outras, é nesta leitura do “Homem dos lobos” que se realiza em Lacan uma reavaliação daquilo que podemos entender como castração. Aquilo que, propriamente falando, está onipresente no “Homem dos lobos”, é a castração imaginária, é o autêntico imaginário da mutilação. É deste imaginário que se trata na lembrança, imediatamente associada à da alucinação do dedo cortado, do que Serguei tinha escutado, a respeito da história de uma menina nascida com um dedo supranumerário, dedo que teria sido cortado com um machado. Mas, é claro, o que é forcluído, ao menos do ponto de vista de uma das correntes psíquicas, é uma coisa totalmente outra: é a castração como operação simbólica. Aliás, é possível que o imaginário da mutilação seja mais insistente do que a castração, como operação simbólica, é forcluída. Em todo caso, é assim que eu compreendo o interesse particular que Serguei atribuía em sua infância aos suplícios infringidos aos mártires cristãos.

Uma outra questão mereceria talvez ser abordada aqui, mas eu apenas assinalo. Não se poderia articular aquilo que Lacan nos diz sobre uma forclusão da castração com a questão da identificação feminina? Se de fato seguirmos Lacan, quando ele mostra como a posição feminina não está inteiramente tomada na função fálica, enquanto que função regulada pela castração, nós teremos, sem dúvida, um instrumento de análise muito forte para abordar esta questão. Mas me parece, de acordo com a programação, que isto poderia ser debatido amanhã.

Sobre a clivagem

Para falar a verdade, no momento estou com pressa para chegar em um segundo ponto, que eu já abordei em uma intervenção anterior. Mesmo que Lacan tenha finalmente traduzido *Verwerfung* por “forclusão”, mesmo que ele tenha se servido daquilo que ele trazia à luz para dar conta especificamente da psicose, ou mais simplesmente do problema do fenômeno alucinatorio, pode-se ver que, de início, ele deu à *Verwerfung* uma outra definição, que seria interessante trabalhá-la no campo mais amplo que ela parece esclarecer.

No *Seminário 1*, de fato, quando Lacan faz

referência pela primeira vez ao termo *Verwerfung*, na lição que precede imediatamente aquela na qual Hyppolite intervém, certamente ele o opõe ao recalçamento, mas faz dele simplesmente um além do recalçamento, um primeiro núcleo do recalcado, que (...) por não se formular, é literalmente como se não existisse. Em suma, a *Verwerfung* é aqui identificada com o recalçamento originário.

Com certeza, pode-se considerar que esta primeira interpretação coloca mais problemas do que os resolve. Pode-se identificar uma operação que faz como se isso não existisse, ou ainda, que recorta o simbólico e uma operação que constitui um recalcado originário, certamente inacessível, mas que é, ao mesmo tempo, o núcleo do inconsciente? Isto pode parecer problemático. Parece-me, no entanto, que este primeiro tempo da elaboração de Lacan não deve ser negligenciado, uma vez que ele pode nos servir para abordar questões difíceis e, ainda mais uma vez, questões que não concernem somente ao campo das psicoses. Aqui quando se fala de recalçamento originário, de fato, pode-se deixar entender que esta rejeição radical da castração é primordial para cada um. Ora, assim que se salienta isso, é toda uma série de enunciados da psicanálise que se organizam em perspectiva. Apesar de tudo, Freud já descrevia o jovem como não querendo acreditar, em um primeiro tempo, na ausência de pênis na mulher. E Lacan, sabe-se, retoma isto de diferentes formas, por exemplo, ao dizer, no seminário sobre a *Angústia*, que nós freqüentemente nos atemos à idéia segundo a qual mesmo aqueles que não o têm, têm.

Deve-se, entretanto, ser um pouco mais preciso. O que poderia nos autorizar a falar de uma *Verwerfung* da castração, ou seja, de uma rejeição do que inscreve para nós a lei simbólica mesmo ali onde não se trata especificamente do campo da psicose? Ora! sem dúvida é precisamente aí que se teria que retomar esta idéia formulada por Freud a propósito do “Homem dos lobos”: a idéia de uma coexistência de várias correntes psíquicas em relação à castração. Esta idéia, parece-me que Lacan a deixou um pouco de lado quando se tratava de dar conta daquilo que produz a psicose como tal. Em contrapartida, ela pode ter pertinência para abordar outras questões. A da perversão, com certeza, uma vez que é a partir do fetichismo que o conceito de clivagem foi mais bem elaborado. Mas também a da clivagem comum, caso eu possa dizer este “eu sei, mas mesmo assim...” que vale para cada um de nós. E pode ser também a questão dos *bordeline*, que nos ocupa há algum tempo.

Vocês sabem, de fato, que Lacan, no seminário sobre a *Angústia*, fala do caso do “Homem dos lobos” como de um caso *bordeline*. Pelo que eu conheço, é o único texto em que ele utiliza esta noção como se ela pudesse ser utilizada sem crítica. Mas como ele a compreende? O que, parece-me, é coerente com o conjunto do que ele diz, não é sem dúvida fazer do “Homem dos lobos” um sujeito que pertenceria a uma classe bem definida, a uma entidade nova, a um grupo constituído que habitaria um lugar pouco cômodo que é uma fronteira. Habitar uma fronteira é incômodo porque esta se reduz de fato a um corte. Por outro lado, em certas análises, chega-se talvez mais perto do que opera o corte para cada um; ou seja, que se percebe melhor quais são os problemas ligados à instalação da castração. Se fosse o caso, para o “Homem dos lobos”, isto queria dizer que, paradoxalmente, os casos mais esclarecedores a este respeito seriam aqueles nos quais esta operação teria permanecido mal assegurada. Para ampliar um pouco a questão, pode-se sem dúvida lembrar a este respeito, que, esta operação está, sem dúvida, na fobia. O que Lacan nos ensinou a ver no caso de Hans, é que o significante Nome-do-Pai funcionava, mas que o pai real estava, sem dúvida, enfraquecido demais para que a criança pudesse prescindir desta suplência que constituía o sintoma fóbico. É, sem dúvida, o estatuto precário da operação da castração na fobia que faz dela uma plataforma giratória, a partir da qual o sujeito pode se engajar seja na via da neurose, seja na da perversão, seja mesmo na da psicose. Ora, se no plano clínico a personalidade do “Homem dos lobos” coloca questões complexas, se ele pôde ser uma criança obsessiva, e ele apresentou traços fetichistas, se ele desenvolveu tendências paranóicas, o que lhe confere o nome que ele conservou, até hoje, é precisamente um sintoma fóbico, o medo dos lobos.

O objeto da castração

Na minha opinião, há um conjunto de texto que pode confirmar esta leitura, que eu proponho para vocês, a respeito da interpretação lacaniana do caso do “Homem dos lobos”. São textos que concernem ao fantasma, e que se encontram especialmente em dois seminários consecutivos, o seminário sobre a *Identificação* e o sobre *A Angústia*.

Peguem o seminário sobre a *Identificação*. Lacan nos ensina a conceber, sobre o modelo do

cross-cap, a relação do sujeito ao objeto. Ou seja, ele mostra como, a partir desta figura topológica, um corte em dupla volta separa, de um lado, o equivalente a uma faixa de Moebius e, de outro lado, um resto de esfera, que não tem imagem especular, e que representa o objeto *a*. Ora, quando ele quer ilustrar tudo isso clinicamente, o único exemplo que ele utiliza é o do “Homem dos lobos”. Quando, no sonho dos lobos, estes aparecem na árvore, não é a imagem especular do “Homem dos lobos” que está diante dele. Os lobos são antes a imagem do que o sujeito vive como a cena primitiva. Ele se faz lobos olhando. Digamos que, aqui, o sujeito se realiza como objeto, como reduzido ao objeto olhar. Tudo até aqui é bastante convincente. Mas aquilo que se deve lembrar, é que este objeto, este olhar enquanto objeto *a*, Lacan fala dele explicitamente nestas páginas como objeto da castração. A operação que recorta o *cross-cap*, esta operação que reduz o sujeito a ser corte de um objeto, é ela que nós podemos justamente definir como castração. Ora, é essa operação que o caso do “Homem dos lobos” viria ilustrar melhor. Vocês vêem que isto poderia nos questionar se nós nos limitássemos a uma idéia de uma forclusão pura e simples da castração.

É verdade que o seminário sobre a *Identificação* e, sobretudo o seguinte, sobre *A Angústia*, nos conduz a uma distinção. Sem dúvida, há alguma coisa de particular no caso do “Homem dos lobos”: é que com ele estamos mais perto de um retorno no especular daquilo que normalmente não é presentificável neste registro. Subitamente, bruscamente, (Lacan sublinha estas expressões), alguma coisa aparece na imagem e o sujeito não pode mais se sustentar da falta. Desde então, para o sujeito, há o sentimento de alguma coisa que o inquieta, há angústia. Mas o surgimento da angústia, no instante em que o sujeito não pode sustentar-se na falta, não implica que esta falta nunca tenha podido ter se constituído como tal.

Melhor ainda, quando continuamos a percorrer os seminários de Lacan podemos perceber que o caso do “Homem dos lobos” também ilustra, precisamente, o encontro pelo sujeito de uma significante irreduzível, feito de sem-sentido, que funciona como significante originalmente recalcado. Em todo caso, é o que pode ser lido no *Seminário 11*, no qual Lacan fala explicitamente do recalamento originário. Assim, a via que Lacan tinha aberto no começo do *Seminário 1*, e que aparentemente tinha voltado a fechar para falar de uma forclusão da castração, é, de alguma forma, reaberta. É devido a

esta condição, me parece, que o caso do “Homem dos lobos” poderá constituir igualmente o paradigma para pensar o estatuto da letra no inconsciente, letra que se repete fora de qualquer significação. Mas eu não preciso lembrar aqui, no caso do “Homem dos lobos”, tudo o que gira ao redor da letra V, elemento que, para ele, é apenas formal, mas sobre o que Lacan diz, em “Litturaterre”, que apenas se goza disso que da fala de interpretação aí cai.

Efetivamente, retorno ao ponto de saída, a partir do momento em que Serguei Pankejeff transpôs a porta de Freud, os psicanalistas adicionaram interpretações sobre interpretações, e certamente podemos nos perguntar o que procuravam aqueles que iam encontrar o “Homem dos lobos” quase até a sua morte, ou o que nós mesmos procuramos. Em todo caso, a menos importante das coisas seria não recusar que, quando falamos do “Homem dos lobos”, falamos antes de tudo de questões que são as nossas. A este respeito, é interessante a maneira como Lacan procede. Ele não pretende, me parece, oferecer aquilo que seria uma verdade do caso do “Homem dos lobos”. Parece-me mesmo que o que o interessa mais não é localizar, imediatamente, a estrutura clínica onde inscrever o paciente de Freud. Mas, uma vez que o material produzido por Freud e por outros é de uma grande riqueza, isto lhe permite, não acrescentar sentido, mas finalmente apresentar de uma maneira bastante condensada as questões do inconsciente e do recalçamento, do fantasma e do desejo. É a direção do tratamento, é o desejo do analista que instala o campo no qual a questão da estrutura pode se formular. Do mesmo modo, não se poderia imaginar uma leitura do “Homem dos lobos” que não testemunhasse nossas questões.

Eu terminarei, a este respeito, com uma última referência, que poderia parecer marginal, mas que, no meu modo de ver, não é o de modo algum. Antes mesmo do *Seminário 1*, Lacan tinha começado seu ensino para um pequeno número de alunos. Nós dispomos de algumas notas desta época, e, em particular, de várias lições consagradas ao “Homem dos lobos”. Pode-se ler aí, por exemplo, que a relação dialética entre o filho e o pai no Édipo ocasiona uma identificação com um pai que seja um verdadeiro pai: um senhor tendo riscos e responsabilidades. Ora, o “Homem dos lobos” teria, acima de tudo, uma estrutura mental de “rico”, que apenas poderia herdar um patrimônio. Em Freud, diz Lacan, ele procura um pai que seja um verdadeiro senhor, mas o prestígio

de Freud faz dele um senhor supremo demais para ser eficaz. Esta análise, que eu trago brevemente, e que vai, também ela, no sentido de uma certa carência de pai real, poderia muito bem ser discutida em detalhes. Mas vê-se o quanto ela pode nos interessar, com suas questões tão atuais para nós. Ora, é precisamente isso que nós tínhamos almejado para esse colóquio, que a releitura do “Homem dos lobos” seja para nós a ocasião de testemunhar as nossas questões e nossos embaraços.

Tradução: Luciano Matuella e colaboração de
Tânia Mara Trujillo da Silveira
Revisão técnica: Nanette Zmeri Frej

Non liquet

Nanette Zmeri Frej

Aparentemente, o estudo que Freud realizou a partir das sessões de Serguei Pankejeff coloca-nos diante da expressão que ele utiliza no que concerne à realidade da cena primária: *non liquet*, ou seja, *Não está claro!*, poderíamos exclamar, ao nos depararmos com as peculiaridades que se apresentam de maneiras tão díspares que, no entanto, levam o autor a situar com bastante precisão aquilo de que se trata, quando o que é posto em questão diz respeito ao campo próprio à psicanálise. Assim ele põe a descoberto o aglomerado de momentos que, no funcionamento humano, apresenta-se desdobrado em teorias sexuais da criança, nas fantasias de origem, em lembranças encobridoras e em mecanismos distintos tais como aqueles que são articulados à neurose (*Vedrängung*), à psicose (*Verwerfung*) e à perversão (*Verleugnung*). O que ele apresenta no caso testemunha o que já tinha apresentado, nos seus escritos metapsicológicos, como sendo uma característica do inconsciente em cujo núcleo coexistem moções pulsionais sem se influenciarem nem se contradizerem. Nessa instância, não há marca de contradição, dúvida nem negação.¹

No que concerne ao caso do Homem dos lobos em referência aos produtos de impulsos afetivos, Freud afirma que aquilo que é próprio ao funcionamento do inconsciente permanecerá em seus processos conscientes. No entanto, quando se tratava de questões na área da pura lógica, ele revelava contradições e incoerências, com habilidade peculiar. “De tal modo (continua Freud) que a sua vida mental impressionava do mesmo modo que a religião do Antigo Egito, que é ininteligível (*unvorstellbar*) para nós, porque preserva os estádios anteriores do seu desenvolvimento lado a lado com os produtos acabados, mantém os mais antigos deuses e seus atributos paralelamente aos mais modernos e, assim, expande sobre uma superfície bidimensional aquilo que outros exemplos de evolução nos mostram em três dimensões.”²

O que queremos demonstrar é que, se as duas dimensões acima referidas funcionam lado a lado uma da outra, se o funcionamento de uma não isenta o funcionamento da outra dimensão, isso acontece porque, no domínio da vida anímica, o que há de mais primitivo se conserva ao lado de seus derivados, como Freud demonstra ao longo de sua obra. Considerando a coexistência das distintas dimensões nas quais o ser humano está mergulhado, não podemos deixar de interrogar os efeitos produzidos pelo lugar no qual se coloca o analista quando de sua escuta e de sua escrita de um caso clínico. É justamente esse lugar ininteligível, irrepresentável (*unvorstellbar*) que Freud parece tentar apresentar quando, em seu embate com Jung e com Adler, propõe que apenas a neurose infantil seria objeto de sua comunicação (*Nur diese infantile Neurose wird der Gegenstand meiner Mitteilungen sein*). No entanto ele ultrapassa o que é do alcance da neurose infantil e alcança aquilo que ainda não estaria submetido a nenhuma inscrição do registro inconsciente. Ele escreve que a neurose de seu paciente só poderia ser esclarecida “quando o curso da análise deixasse o presente por algum tempo e nos forçasse a fazer um *détour* pelo período pré-histórico da infância”³ (*kindlich Urzeit*).

O caso é apresentado respeitando o atravessamento do que constitui o infantil naquilo que concerne à infância. Sobre a criança, ele escreve que, mesmo lhe emprestando, na análise, palavras e pensamentos, “os estratos mais profundos podem ser impenetráveis para a consciência.”⁴ A recordação de infância feita pelo adulto em sua análise é então atravessada e entremeada por aquilo que concerne ao desejo infantil. No entanto, na sua elaboração do caso, Freud conduz sua análise ao extremo a ponto de alcançar o momento, certamente ficcional, em que o desejo ainda não teria se constituído para que se pudesse produzir um sonho. Estamos falando do sonho dos lobos do pequeno Serguei, que conduz à

reconstrução de uma cena que, por ser tão originária, situa o que não foi reunido e unificado como é próprio ao julgamento de atribuição, de modo a que possa ser expelido ou introjetado no ego. A construção do sonho parece conduzir ao que antecede a transformação da energia pulsional em libido. Tentando demonstrar o que é infantil na neurose, o infantil que constitui o desejo, Freud parece fazer uma torção no tempo e chegar ao momento que antecede a humanização do infante. Seguindo esta ficção, chegamos aonde recursos faltam ao que teria sido organismo, se uma pessoa atenta ao estado da criança não tivesse trazido uma ajuda estrangeira (*fremde Hilfe*), não tivesse traduzido as descargas motoras, os gritos da criança em pedido de ajuda. O aporte da ajuda estrangeira (*fremde Hilfe*) possibilita a relação de reciprocidade.

Levando as associações de seu paciente às últimas conseqüências, Freud tenta chegar à realidade da cena, mas dela o que encontra é o real. O real do qual diz que está dentro, e também está fora, seguindo um tipo de projeção que prescinde de conflito e que, ao expulsar processos emocionais internos, assim como os processos de pensamento, cria-se o mundo exterior. É aqui que supomos que a cena, emergindo enquanto um real, coloca em evidência o que antecede a humanização. Freud aponta que a partir da cena, teve início não apenas uma corrente sexual, mas uma série delas, e continua: “sua vida sexual foi positivamente fragmentada por ela.”⁵ Dois problemas emergem dessa citação. O primeiro concerne à tradução. Quando tomamos o texto publicado pela *Gesammelte Werke*, no lugar da frase que acabamos de citar, publicada pela Imago em 1976 encontramos: “[...] *geradezu eine Aufsplitterung der Libido*.”⁶ Traduzir *Libido* por “vida sexual” tem conseqüências sérias na compreensão do caso. Quando seguimos a idéia de que a libido foi fragmentada, podemos pensar que seus estilhaços escapam a qualquer dos destinos das pulsões. Podemos pensar naquilo que Freud aponta como sendo a desfusão das pulsões e que, desse modo, distancia-se daquilo que ele diz que constitui uma polaridade de julgamento: “A afirmação – como substituto da união - pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão- pertence ao instinto de destruição.”⁷

Retomando o modo como a libido foi atingida a partir da cena primária, Freud escreve: “Devemos também ter em mente que a ativação

dessa cena (evitei intencionalmente a palavra ‘recordação’) teve o mesmo efeito que teria uma experiência recente”⁸

Assim, na análise, emerge e prevalece o tempo não submetido ao elemento unificador, pertencente a Eros, apontando para a polimorfia sexual da criança. Deixaremos esse aspecto para desenvolver em um outro momento.

O que nos interessa é sublinhar a função ortopédica do sonho, aos quatro anos de idade, em cuja cena, diz Freud, o menino compreendeu as impressões da época da observação da cena primária. A compreensão adiada da cena teve como condição de possibilidade o desenvolvimento, as excitações e a pesquisa sexual da criança. Ou seja, na história da libido, foi preciso um percurso que inscreve um tempo para organizar a cena e assim permitir sua recordação ou sua construção.

No entanto a permanência de algo a despeito da cronologia marca o frescor da cena observada ativada na cena sonhada. Freud evita o termo recordação. Quando ele escreve que sua ativação tem o mesmo resultado de uma experiência recente, imediata, nos incita a lembrar que a recordação implica um deslocamento de investimento em uma dimensão temporal.

Lembramos também que, na clínica freudiana, o tempo se apresenta com uma tal plasticidade que, nele, podemos nos colocar e nos deslocar em lugares e em tempos diversos. Colocamo-nos assim na atemporalidade do inconsciente. No caso clínico do pequeno Hans, *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, é o próprio Freud quem se desloca no tempo, faz-se atemporal e informa à criança: “que bem antes de ele nascer, eu já sabia que ia chegar um pequeno Hans que iria gostar tanto de sua mãe que, por causa disso, não deixaria de sentir medo de seu pai; e também contei isso ao seu pai.”⁹ Então, assim como Freud mergulha em uma anterioridade, explica a Hans aquilo que funda o desejo; no caso de Pankejeff, ele evita o termo recordação e vai encontrar a cena ativada. A cena em cujo tempo a imagem ficou congelada?

Encerramos então essa reflexão lembrando a atualidade do texto sobre o Homem dos lobos na ativação das cenas que se impõem à observação em cotidiano esgarçado, dilacerado pela primariedade de estímulos que não fazem cena, menos ainda, primária por não produzir um *Outro tempo*, nem um *Outro espaço* que não aqueles imediatos e sem mediação. Isso que congela a memória. É isso que

prevalece nos dias de hoje. É isso que faz com que
cena de hoje, por não suportar *Outra cena*, não
seja clara ... *NON LIQUET!*

¹ S . Freud. “O Inconsciente” (1915), in *Obras psicológicas completa* .Vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1974, p.213.

² S . Freud. “História de uma neurose infantil” (1918[1914]), in *Obras psicológicas completa* .Vol. XVII, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p.148

³ Ibid. p. 32.

⁴ Ibid. p.21

⁵ Ibid. p. 61

⁶ “Ferner werden wir uns vorhalten, dab die Aktivierung dieser Szene (ich vermeide absichtlich das Wort: Erinnerung) dieselbe Wirkung hat, als ob sie ein rezentes Erlebnis ware.” S. FREUD., Aus der Geschichte einer infantilen Neurose, in: G.W., XII, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt am Main, 1999. S. 71.

⁷ S . Freud. “A Negativa” (1925), in: *Obras psicológicas completa* .Vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1996, p.268.

⁸ Op.cit. p.61.

⁹ S . Freud. “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909), in *Obras psicológicas completas* .Vol. X, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 52.

Entrevista com Charles Melman

(A presente entrevista foi concedida em maio de 2007 em Porto Alegre, ocasião do seminário *Como alguém se torna paranóico – de Schreber a nossos dias*, na Unisinos)

Mario Fleig: Esta pequena reunião, na realidade, é para falar um pouco sobre o Homem dos lobos. Então a primeira questão que vou lhe propor é se o senhor pode nos dizer algumas palavras para nos situar sobre o contexto no qual Lacan iniciou seus primeiros seminários, e no caso o seminário sobre o Homem dos lobos.

Charles Melman: Nesse momento, eu ainda não era aluno de Lacan. O que sei são duas coisas: é bem possível que ele tenha sido feito em um apartamento, em um local privado. E, se foi o caso, se foi efetivamente o caso, é possível que tenha sido feito no apartamento de Serge Leclaire. Ou então, ele já tenha sido feito no Sainte Anne, mas não sei exatamente em que ano Lacan começou no Sainte Anne. Mas o projeto era simples. Por que ele escolheu o Homem dos lobos? Ele escolheu o Homem dos lobos, primeiro, para mostrar que um progresso era possível em relação à análise que Freud havia feito; e depois, que esta análise não havia evoluído bem e, finalmente, que o tratamento que o Homem dos lobos fez com Ruth Mack Brunswick - que era uma das alunas preferidas de Freud - também não foi favorável. Mas a questão a propósito do Homem dos lobos é justamente a da distinção entre neurose e psicose.

Mario Fleig: Sim, certamente!

Charles Melman: Não é mesmo? É apaixonante trabalhar novamente o documento que temos, justamente para tentar fazer nosso julgamento sobre ele. Então, o seminário sobre o Homem dos lobos era uma espécie de validação do que Lacan queria empreender, quer dizer, reler Freud. Reler Freud, hoje, não é repetir como o faz a Escola Clássica, repetir incessantemente, mas ver o que não aconteceu nessa análise, não para curar o Homem dos lobos, mas para tentar apreender, com os meios que se tinha na época, quer dizer, com o que já era o ensino de Lacan, como se podia proceder a esta outra leitura. Então, está aí a

circunstância, com esta observação, que é mesmo impressionante, de que nenhuma das cinco psicanálises termina favoravelmente. E Freud teve coragem de expor isto. Ele expõe seus casos, não esconde nada, não engana. Mais uma razão para reler Freud, porque uma psicanálise não é somente um exercício espiritual, existe uma finalidade. Será que se pode – em uma análise -, será que se pode mudar o destino dentro do qual parecemos presos? Aí estão as circunstâncias para o seminário do Homem dos lobos... E, na época, Lacan não se ocupava em solicitar uma gravação; então existem somente notas. É por isto que penso que era no apartamento de Leclaire.

Conceição Beltrão Fleig: No seminário *A Angústia*, Lacan aborda uma única vez o caso do Homem dos lobos, como um caso *borderline*. Como podemos pensar essa abordagem de Lacan?

Charles Melman: Escute, a questão do *borderline* é uma forma de... É o significativo que representa nossa ignorância. Quando não se sabe, se diz *borderline*. Agora, será que existe efetivamente uma clínica com sujeitos capazes tanto de serem normais quanto de aparecerem como psicóticos? Será que esta clínica existe? Eu creio que sim. Mas precisaria, como direi, a respeito disso, apresentar uma coleção de casos e depois dizer: Ah! vocês vêem? Aí está ... Porque foram os americanos que introduziram esta noção de *borderline*, que é uma clínica onde cada vez que vocês lêem seus casos vocês dizem: não, não é isto. Então, é preciso rapidamente estabelecer os casos nós mesmos, o estabelecimento de casos sobre os quais se proponham seus diagnósticos e que se diga o porquê e que, neste instante, se tente explicar.

Conceição Beltrão Fleig: E quando Lacan propõe o Homem dos lobos como *borderline*?

Charles Melman: Você tem certeza que ele utilizou este termo *borderline*?

Conceição Beltrão Fleig: Porque há ainda no *Discours Psychanalytique*: “Os embaraços do Homem dos lobos”, o trabalho de uma jornada da Associação Freudiana. Existe a discussão a propósito desta questão do *borderline* a partir do seminário de Lacan sobre *A angústia*.

Charles Melman: Eu jamais o ouvi utilizar-se deste termo. Jamais ele me falou, enfim... De forma que eu o ouvi durante muito tempo, então seria preciso verificar isto. E habitualmente as pessoas dizem “mas Lacan jamais falou disso”. Então, se você localizou o fato de que ele tenha utilizado este termo, isto seria interessante.

Conceição Beltrão Fleig: Em 1926, após a instigação de Adler, dizendo que o sonho do Homem dos lobos seria um sonho de Freud, este solicita que Serguei Pankejeff escreva seu sonho. O que Freud ainda buscava? Freud ainda não havia renunciado à questão da origem?

Charles Melman: A questão vai ao encontro do que foi evocado ainda há pouco, quer dizer, será que lhe dando o sentido de seu sonho, Freud não lhe deu a verdade antes que a questão fosse colocada? Sim. E pode-se perguntar qual é a parte de Freud nesta história. Quer dizer, na preocupação justamente em que estava Freud da necessidade de verificar a eficácia de sua tese. E vemos, muito bem, como uma interpretação correta demais pode provocar uma psicose. Isto é certo! Então, talvez porque Freud voltava ao lugar do crime, se ousou dizer. Ele voltava aí a alguma coisa que devia perceber que não estava bem. E, talvez se possa ter uma ilustração disso, no fato de que depois, como vocês sabem, o Homem dos lobos ganhou sua vida vendendo aos psicanalistas nova-iorquinos as representações de seu sonho. Lobos é muito raro... E, eu acho isto genial, é muito bonito, não é mesmo? Como se passou verdadeiramente no Homem dos lobos, o que seria de um fantasma passar para a realidade?

Conceição Beltrão Fleig: Após receber o pedido de Freud, o Homem dos lobos apresentou uma hipocondria ...

Charles Melman: Não conheço este detalhe, pois devo dizer que isto me desencorajou um pouco, todas estas histórias, visto que existem também comentários do Homem dos lobos, existem muitos

textos sobre isto. Não conheço estes detalhes; mas isto seria... E eu não sei exatamente o que Freud pediu a ele, você precisaria procurar. Em todo o caso, ele tornou-se um pensionista da psicanálise, um aposentado da psicanálise.

Mario Fleig: E no seu seminário sobre a *Neurose Obsessiva* no Rio de Janeiro, o senhor falou do Homem dos lobos a propósito da alucinação do dedo cortado. Então o senhor estabeleceu uma diferença entre a forclusão da castração e a forclusão do Nome-do-Pai.

Charles Melman: Sim, porque a forclusão pode incidir tão-somente sobre um significante. Então, quando Lacan... isto é um problema, quando Lacan diz forclusão da castração. Forclusão de qual suporte? Aí teria sido necessário pedir a Lacan para se explicar...

Conceição Beltrão Fleig: Então, uma última questão: será que o senhor poderia talvez nos ajudar a pensar o que o caso do Homem dos lobos pode nos ensinar?

Charles Melman: Ele pode nos ensinar muito, muito. Ele pode nos ensinar, justamente, para a prática analítica, pode ensinar muito. Na prática de Freud, neste trabalho, ele não escapou. Ele não se retirou, isto é claro! Era... Como posso dizer? O caso do Homem dos lobos verificava de tal maneira as teses de Freud. Era muito para ele, que ele mesmo foi, se posso dizer, tão generoso em todo o sentido do termo. O que domina a conduta de Freud com o Homem dos lobos é sua generosidade. Já que muito rapidamente o Homem dos lobos foi arruinado pela guerra em 1919, ele foi arruinado pela Revolução Russa e Freud começou a sustentá-lo. Então existe verdadeiramente um problema aí de dom recíproco que não foi tratado, resolvido, e que deixa um buraco, mas um buraco real, o buraco destas coisas bem diante do nariz, não é? Um buraco que não é simbolizado.

Mario Fleig: Obrigado.

Tradução e revisão: Maria Marta Heinz e Rosane de Abreu e Silva

“O Homem dos lobos” – Notas do Seminário de Jacques Lacan, 1952-53

O inconsciente psicanalítico

O inconsciente psicanalítico é o fruto do recalçamento ligado a certas fases do desenvolvimento infantil centradas sobre o complexo de Édipo.

Nesse caso, pode-se dizer que o complexo de Édipo ficou incompleto porque o pai é carente. O complexo de Édipo não pode então se realizar, em sua plenitude, no momento certo: o doente permanece apenas com esboços do complexo de Édipo.

O erotismo uretral está ligado ao traço de caráter ambicioso. A linguagem dá conta disso e diz: “Ele visa mais alto do que pode mijar”...

A paixão ambiciosa tem um caráter relativo: o ambicioso quer sempre ir mais alto que o outro, sua paixão ambiciosa está, então, sempre insatisfeita. Relação a dois da fase de latência pré-edipiana: relação de dominância ou de submissão.

A vergonha só se inscreve numa relação com o outro.

O *Homem dos lobos* permite eletivamente salientar as relações entre o desenvolvimento do Eu e a evolução da libido. O conflito à base de superego está inteiramente em segundo plano nessa observação. O conflito é do registro das aspirações sexuais do macho e da fêmea.

Não se pode compreender e englobar todos os casos do recalçamento se não se esclarece as relações do narcisismo e da libido.

No animal, a ativação das funções sexuais não está de forma alguma desligada de toda espécie de atividades e de referências ao outro e ao semelhante (pomba e espelho, o acasalamento de aves e sua relação com a exibição).

No homem existem relações de conhecimento – como homem e mulher – entre indivíduos. Nos animais, a relação do sujeito é uma relação a dois. Numa relação a dois vai se

constituir a referência da fêmea com o macho: conhecimento do parceiro. Mas no homem, ele se conhece antes de suas referências ao espetáculo determinante, o indivíduo já tem, pelo menos, esse conhecimento dele mesmo (estádio do espelho).

Em razão desse acento posto na experiência de suas exigências propriamente narcísicas, revela-se no indivíduo uma espécie de prevalência de uma necessidade de domínio que vai no sentido contrário à escolha instintual do objeto e isso dá, no caso do *Homem dos lobos*, uma situação bem particular. O sujeito faz uma escolha parcial e contrariada e isso o leva ao desconhecimento de seu parceiro feminino.

O acento é posto e mantido sobre a dimensão agressiva da relação narcísica e isso provoca a irrupção de sua libido e sua vida instintual é reduzida a explosões compulsivas quando ele encontra uma certa imagem: aquela da servente acorçada, e ele pode então realizar. Ele está então na posição do mestre (no sentido hegeliano), quer dizer que ele está separado de seus objetos, despossuído de seu objeto sexual. Este sendo constitutivo do caráter e do mundo humano normais.

Se ele não chega à relação a três é porque o complexo de Édipo não foi concluído nele.

A experiência escotofílica é apassivadora.

No recalçamento Freud distingue o conflito, no interior do sujeito, da bi-sexualidade (luta narcísica para manter sua virilidade e reprimir, recalcar a tendência homossexual).

O Eu (*Moi*) toma partido: investimento narcísico da força viril.

Pode haver também conflito entre o Eu e algo vindo dos instintos sexuais: é um caso mais amplo que o primeiro (que é um sub-caso).

No *Homem dos lobos* o complexo de Édipo está invertido, e isso apesar da menos-valia da imagem paterna.

Há cisma entre a vida intelectual e a vida instintual de sujeito. Há relações heterossexuais que ele vive de uma maneira compulsiva, irruptiva em sua vida e que está ligada a um estereótipo (imagem da servente), e desprovida dos sentimentos que comporta normalmente essa situação sexual; é um processo a dois, do mestre ao escravo.

A cena devastadora sobreveio no fim do estádio do espelho: ela é apassivadora e essa passividade constitui a fixação homossexual inconsciente.

A fobia: o medo da castração é inseparável da imagem do pai enquanto que a ameaça não é expressa pelo pai, mas ao contrário por mulheres. Mas interveio algo que supriu a ausência do pai e que o fez sob a forma da iniciação religiosa.

Há superposição de um pequeno nó histérico de uma formação infantil de neurose obsessiva e de uma estrutura paranóica da personalidade.

O pai introduz um novo modo de referência à realidade; é porque o gozo do sujeito lhe é, de uma certa maneira, arrebatado que ele pode se situar, ele mesmo. É o papel do complexo de Édipo.

Na rivalidade, há duas faces: uma face de luta, uma face de ideal e de modelo.

Toda a dificuldade para o ser humano, antes da sexualidade propriamente genital, é de ser um Eu que se reconhece e se aliena no outro. A sexualidade pede a intervenção de um plano cultural. Em relação ao pai, o sujeito vai ter que se situar.

Na fobia há a intervenção do animal. A esse respeito Freud faz intervir os fatos do totemismo, drama do assassinato do pai.

O que se chama de sublimação é a socialização dos instintos.

No recalçamento há a exclusão da consciência de um determinante relacional que continua a dominar o sujeito.

O recalçamento acarreta a atração própria de uma situação excluída da consciência e o desconhecimento, a cegueira no sistema consciente subjetivo, e tudo o que é coordenado a essa situação tende a unir-se à massa do recalçado: é o sistema do inconsciente que tem uma inércia própria e que continua a atrair, nessa esfera de amnésia, tudo o que lhe é conexo e atormenta a realização do sujeito (como, por

exemplo, tendo vivido tal situação edípiana). Tudo isso é bem localizado eletivamente em torno da relação com o pai e com a mãe em um sujeito neurótico.

O complexo de Édipo tem também uma função normativizante ao lado de suas incidências sobre a gênese das neuroses.

O Homem dos lobos – Nº1.

Estudando o caso Dora, vimos que a transferência estava ligada a antecipações subjetivas no analista, e que a contra-transferência podia ser considerada como a soma dos preconceitos do analista.

É preciso tentar ver o que traz e o que significa esse texto *O Homem dos lobos*.

O Homem dos lobos é um personagem do qual uma parte de seu drama é sua inserção, poder-se-ia dizer, “desinserida” na sociedade. Ele apresenta uma certa perturbação neurótica que foi qualificada, antes que Freud o visse, de estado maníaco-depressivo. Para Freud, não se trata de uma tal classificação nosográfica, o que apresenta *o Homem dos lobos* deve ser considerado como um estado que é aquele consecutivo à cura espontânea de uma neurose obsessiva.

Segundo a análise feita por Freud, esse personagem apresentou um comportamento psicótico.

É preciso notar que muito precocemente esse homem foi separado de tudo o que, no plano social, podia constituir para ele um modelo... Deve-se ver e situar nesse contexto toda a seqüência de sua história.

Freud publicou então *O Homem dos lobos* como a história de uma neurose infantil. Essa neurose da infância teve manifestações variadas e diversas em sua estrutura. Se olharmos de perto, veremos que aquilo sobre o qual a observação de Freud está concentrada é sobre a pesquisa apaixonada, detalhada, contra os fatos – poder-se-ia dizer – da existência ou da não existência de acontecimentos traumatizantes na primeira infância.

Em seus escritos Freud freqüentemente insistiu sobre a dificuldade que ele teve em manter suas idéias sobre esse assunto, idéias tiradas de seu campo de experiência. Inclusive em seu próprio grupo houve tentativas para diminuir e tornar mais comumente aceitáveis

essas idéias. E daí brotaram as cisões inauguradas por Jung e Adler.

Bem antes do desvio junguiano, desde o início das pesquisas sobre a histeria, ficou-se chocado pela regularidade de aparição de histórias de sedução e de violação aparecendo como puramente fantasmáticas. Isso não é absolutamente uma objeção válida contra a realidade de acontecimentos traumáticos da primeira infância. Uma objeção mais grave é o caráter estereotipado da cena primitiva: trata-se de um *coitus a tergo*. E há aí alguma coisa de muito problemática: esse aí é um esquema, uma imagem filogenética que ressurgue na revivescência imaginária? (Ver capítulo V da observação)

Numa análise é essencial não desviar o sujeito da apreensão do que é procurado. É importante que o sujeito faça a apreensão plena e total do que foi sua “história”.

O que é uma análise? É algo que deve permitir ao sujeito assumir plenamente o que foi sua própria história.

Na análise de *O Homem dos lobos* Freud nunca pode obter a reminiscência, para falar propriamente, da realidade, no passado da cena em torno da qual gira, contudo, toda análise do sujeito.

A realidade do acontecimento é uma coisa, mas há alguma coisa outra: é a historicidade do acontecimento, isto é, alguma coisa de flexível e decisiva que fez uma impressão no sujeito e que domina, e que é necessária para explicar seu comportamento consecutivo. É nisso que reside a importância essencial da discussão de Freud em torno do acontecimento traumático inicial. Este foi reconstituído muito indiretamente graças ao sonho dos lobos. É Freud que ensina ao sujeito a ler seu sonho. Esse sonho se traduz como um delírio. Temos apenas que invertê-lo para traduzi-lo: “Os lobos me olham imóveis, muito calmos: eu olho uma cena particularmente agitada”. Pode-se acrescentar aí: “Esse lobos têm belas caudas, atenção à minha!”

É esse sonho que leva à cena reconstruída e que é em seguida assumida pelo sujeito.

Para notar, a propósito da interpretação desse sonho, a atenção dada por Freud ao trabalho do sonho: para ele a significação de um sonho se lê em seu trabalho de elaboração, de transformação.

Esse acontecimento traumático permite compreender tudo o que se passou em seguida e tudo o que é assumido pelo sujeito: sua história.

A esse respeito, não é inútil indagar o que é que é a história. Os animais têm uma história? A

história é uma dimensão propriamente humana?

A história é uma verdade que tem essa propriedade, de que o sujeito que a assume dependa dela em sua constituição de sujeito mesmo, e essa história dependa também do próprio sujeito porque ele a pensa e a repensa a sua maneira.

Uma psicanálise só está terminada quando o analisado é capaz de ter plena consciência dele mesmo? A experiência de Freud exige que o sujeito que fala realize, em um certo campo – aquele das relações simbólicas –, uma integração difícil: a de sua sexualidade, que é uma realidade que lhe escapa em parte, na medida em que ele fracassou em simbolizar, de uma maneira humana, certas relações simbólicas.

A experiência psicanalítica se situa para o sujeito sobre o plano de “sua verdade”. A psicanálise é uma experiência “em primeira pessoa”.

No caso do *Homem dos lobos*, durante meses e anos as sessões não trazem nada. É um sujeito isolado pela sua posição de rico: seu Eu é um Eu forte (como todo Eu de neurótico). O *Homem dos lobos* não consegue sequer assumir sua própria vida. Sua vida instintual está “inclusa”, “enquistada”: tudo o que é de ordem instintual sobrevém como uma onda sísmica se ele encontra uma mulher passando pano no chão, ou a vassoura, e que mostra suas costas e suas nádegas.

Durante anos então esse homem fala e não traz nada, ele apenas se olha no espelho: o espelho é o ouvinte, isto é, Freud no caso. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, quando um sujeito fala, uma parte do que ele diz tem parte de revelação para um outro.

O progresso de uma análise se julga quando se sabe em que momento o “você” equilibra o *Je* do qual se trata.

Na análise do *Homem dos lobos*, a ênfase permanece muito tempo sobre o Eu e sobre um Eu irrefutável. É quando Freud faz intervir um elemento de pressão temporal. E a partir desse momento aí, a análise se desenrola. O *Homem dos lobos* toma sua análise em primeira pessoa: é o *Je* que fala e não mais Eu (*Moi*).

Para se lembrar:

1 - a evidência apreensível no instante de um olhar.

2 - Etapa: aquela do problema: trabalho de cogitação do *working through*

3 - Etapa: o momento de concluir.

Elemento de pressão e de urgência própria a toda espécie de escolha e de engajamento.

O Homem dos lobos – No 2.

A questão que é preciso colocar é a das relações do Eu e do instinto sexual, que no homem, chega ao instinto genital. A observação do *Homem dos lobos* é significativa e instrutiva a esse respeito. O *Homem dos lobos* tem uma vida sexual realizada, aparente, com caráter “incluso” (“compulsivo” para Freud). Trata-se de um ciclo de comportamento que, uma vez desencadeado, vai até o fim e que está “entre parênteses” em relação ao conjunto da personalidade do sujeito. Esse tipo de parêntese é chocante ao lado da confiança de uma vida com caráter igualmente cercado e fechado. O *Homem dos lobos* tem vergonha de sua vida sexual, entretanto ela existe e pontua sua vida adulta devastada por uma depressão narcísica.

O *Homem dos lobos* teve com sua irmã relações propriamente genitais. Não há nele debilidade instintiva, para falar propriamente. Há reações instintivas muito vivas e prontas a penetrar através da opacidade que fixa e que faz estagnar sua personalidade num estado propriamente narcísico. Encontra-se uma virilidade de estrutura narcísica (termos adlerianos que quase afluam).

Pode-se partir do esquema clássico de recalçamento: o recalçamento está ligado à rivalidade com o pai e que é inassumível (rival onipotente) e sancionado por um constrangimento, uma ameaça, a da castração. Há então dissociação entre a sexualidade e o Eu, processo de dupla face e tendo um resultado normativo e feliz (período de latência). Mas o retorno do recalçado provoca as neuroses infantis sobrevivendo do período de latência.

Aqui a rivalidade com o pai está longe de ser realizada e é substituída por uma relação que, desde a origem, se apresenta como uma afinidade eletiva com o pai. O *Homem dos lobos* amava seu pai que era muito gentil com ele: há uma preferência afetiva. O pai não é um castrador nem em suas notas, nem em seu ser (ele está rapidamente bem doente, mais castrado que castrador). E, não obstante, Freud nos diz que o medo da castração domina toda a história desse doente. Freud se pergunta se é em função de um esquema filogenético.

A relação de ordem simbólica que o sujeito procura conquistar porque ela lhe traz sua própria satisfação, é a seguinte: tudo se passa como se, sobre o fundamento de uma relação real, a criança, por razões ligadas à sua entrada na vida sexual, procurasse um pai castrador: que seja o genitor, o

personagem que pune: ele procura o pai simbólico (não pai real) tendo com ele relações punitivas (e isso justamente depois da sedução de sua irmã). A criança tem uma atitude provocadora e procura uma satisfação: ser punida por seu pai. A diferença entre esse pai simbólico e o pai real não é coisa rara. Uma outra coisa é igualmente importante para esclarecer nossa pesquisa: é a instrução religiosa que é dada por uma mulher (Freud considera essa instrução religiosa como um fator de apaziguamento)

Na linguagem de Freud a sublimação tem um sentido diferente da imagem vulgar que se faz disso: quer dizer a passagem de um instinto a um registro mais sublime. Para Freud, é a iniciação de um sujeito em um símbolo mais ou menos socializado e objeto de crença universal.

Durante um certo tempo, a criança é acalmada graças a isso. Para Freud a religião é uma ilusão porque sua estrutura dogmática lhe parece mítica.

Para Freud a satisfação do desejo do homem exige ser reconhecida. Esse reconhecimento se torna o próprio objeto do desejo do homem. Quando o homenzinho não encontra a forma de uma religião, ele faz uma: é a neurose obsessiva, e é isso que a religião evita. O que a instrução religiosa ensina à criança é o nome do Pai e do Filho. Mas falta o espírito: quer dizer o sentimento do respeito. A religião traçava as vias pelas quais podia-se testemunhar o amor pelo pai, “sem o sentimento de culpabilidade inseparável das aspirações amorosas individuais” (Freud). Mas, para o *Homem dos lobos*, faltava uma voz plenamente autorizada. Um pai que encarna o bem, o pai simbólico. E a revolta ligada ao masoquismo se manifesta (crítica religiosa que faz a criança). Quando aparece o repetidor que pode encarnar a função de pai e que diz: “a religião é fábula”, tudo isso não dura muito tempo. Porque, nesse caso, não há superego: a criança não pôde se identificar a uma imagem propriamente paternal preenchendo a função simbólica do Pai. Por isso, e ao mesmo tempo, ele também não pôde realizar o complexo de Édipo normativizante. Suas relações no triângulo edípiano mostram-no identificado à mãe. O objeto de seus desejos é o pai. Sabemos disto graças ao sonho de angústia. Em seus antecedentes imediatos se encontra a espera do duplo dom no dia de Natal. O “duplo dom” manifesta a sua duplicidade em relação ao pai (o presente de Natal manifesta a transcendência da criança em relação ao adulto). A criança é o estrangeiro escapando à ordem na qual nos reconhecemos; a criança sente que há todo um

mundo organizado do lado do adulto e ao qual ela não está iniciada, para falar propriamente. A relação criança-adulto é de amor, mas esse amor é também rechaçado: a criança capta tudo e por outro lado não sabe tudo. E isso explica que a criança se introduza de vez em um sistema completo de linguagem enquanto sistema de uma língua e não soletração da realidade.

O *Homem dos lobos* queria então seu presente de Natal e o de seu aniversário. Para ele, que se considera o filho de seu único Pai, ele quer também um dom de amor real. E em torno disso se cristaliza o sonho-pesadelo essencial. É um sonho de angústia. Isso não está sempre ligado ao retorno do recalcado à consciência (o recalcado sendo alguma coisa que não foi memorizada simbolicamente).

Há duas memórias a distinguir. A criança se lembra de alguma coisa que existiu e que não pôde ser rememorada no plano simbólico. E isso determina, contudo, todo o seu comportamento posterior que dá essa “sexualidade fendida em pedaços”: é o drama do desenvolvimento dessa criança.

Na análise desse sonho há dois planos:

1 – Os mitos que estão no registro de sua tentativa de assumir os mitos socializantes (o conto tem um valor de satisfação saturante que introduz a criança num meio de comunicação que a satisfaz).

2 – Depois disso não há mais nada e é Freud apenas que interpreta esse sonho que tem o valor da irrupção da própria cena primitiva na consciência noturna.

Para compreendê-lo é preciso inverter esse sonho. A realidade visada foi abolida por esse reviramento: janela aberta é o inverso do véu que envolve o sujeito, é um espelho onde ele vai ver ele mesmo olhando (sob a forma desses animais que o olham) – uma cena agitada, o pai e a mãe tendo um *coitus a tergo*. Isso acarretou um relaxamento esfinteriano devido ao terror. (Isso representando um presente orgânico do bebê). O doente esqueceu essa cena que não é integrável à sua memória consciente. Ela ressurgiu quando ele tenta mediatizar seu desejo, criando uma relação simbólica com o pai. Em seu inconsciente trata-se de uma relação homossexual passiva, mas esta é recalcada por uma exigência narcísica. O que é o narcisismo? Uma relação libidinal com o corpo próprio? A relação narcísica está centrada numa reflexão: uma imagem especular, narcísica e uma identificação ao

outro. Há uma ambigüidade total, o sujeito é ao mesmo tempo ele e o outro. Outra coisa: há um papel da imagem impregnante na erotização da imagem do outro. Aí se colocam todas as questões da bissexualidade. Feminizado no inconsciente, sujeito, no plano do Eu, escolhe com a última energia a posição justamente oposta. Como explicar isso? Referindo-se às relações que existem, na natureza, entre o *parade*¹ e a *pariade*² : há relação com uma certa imagem cujo afrontamento é realizado de maneira por demais contingente. Estabelece-se uma reação de *parade*: é um tipo de prova que produz uma mudança na atitude dos parceiros e um e outro, e um em relação ao outro, se reconhecem. Por aí se completa um tipo de esquema inato e os papéis são fixados, repartidos de uma vez por todas. Pode-se dizer que há alguma coisa de análoga na referência imaginária aos personagens na cena primitiva? Donde o conflito entre uma impressão feminizante e uma experiência do corpo completo, especular (ver o texto de Freud sobre “A feminilidade”). A relação a uma imagem unívoca e fálica nos coloca em presença do fenômeno que, na experiência clínica, guarda um caráter original. Tudo se passa como se um fenômeno de relação imaginária nele mesmo recobrisse, apagasse, tudo o que é do outro registro. Daí a identificação com a mãe na cena primitiva é rejeitada: a imagem da identificação feminina está do lado da imagem do corpo fragmentado, por trás do doente. E é por isso que a libido narcísica, a confirmação narcísica, deve trazer uma denegação absoluta de seu terror (ou tenta - a palavra falta no texto) homossexual: há prevalência da imagem completada (fálica) do corpo. A evocação da imagem fragmentada do corpo provoca o ressurgimento de um estado anterior do Eu e isso dá a angústia. Assim se explica o caráter narcísico da afirmação viril do sujeito e, daí, vem também a dificuldade para alcançar um objeto heterossexual.

A identificação com a irmã é certa (há um ano e meio de diferença entre eles – boa diferença: “nota sensível” no sentido que isso tem na música). Nesse ponto que, quando a irmã está morta, ela é como que reabsorvida por ele mesmo. Ele não pode por isso aceitar as primeiras investidas de sua irmã que lhe teriam dado acesso a um estado propriamente genital.

Para que a identificação se produza no homem, deve ser por meio de um modelo realizado: adulto, feminino ou masculino (há uma

diferença com os animais: neles a experiência é apassivadora para um, ativadora para o outro).

O homem se antecipa em sua imagem completada antes que ele a tenha alcançado. Daí fantasmas de castração: o pênis pode ser apreendido ou arrebatado.

A identificação narcísica é frágil e sempre ameaçada.

A escola francesa tocou em alguma coisa justa ao ligar a oblatividade à maturação da função genital. Mas essa ligação é muito complexa. O sentido verdadeiro da oblatividade se encontra numa relação de dom constitutiva de um pleno acesso à sexualidade humana. (O altruísmo é diferente, já que está ligado a uma identificação narcísica do outro).

A verdadeira oblatividade é uma relação simbólica que faz com que o desejo do homem se reconheça e se mediatize pelo desejo do outro: espécie de captura do desejo do outro.

O Homem dos lobos – nº 3

Nossas explicações mostraram que a observação do *Homem dos lobos* permitia colocar questões e trazer esclarecimentos sobre a questão da transferência. Nesse caso, como vimos no estudo da historicidade, podemos abrir o problema de uma maneira que ultrapassa de muito a observação. Na observação de Ruth Mack Brunswick uma coisa está clara: o que resta é mais que um resíduo mórbido, o que está no centro do tratamento com Ruth Mack Brunswick é a transferência.

Durante todo o período de tratamento com Ruth Mack Brunswick não se trata mais do doente, não se fala senão de Freud. Pelo dom da palavra alguma coisa mudou na posição recíproca daqueles que são falados. O que Freud foi para o paciente está então, ali, todo o tempo, em primeiro plano.

Então, não há dúvida de que se vê colocar, na segunda parte da história do *Homem dos lobos*, a transferência como intermediário entre o analisado e o analista. R. M. Brunswick se coloca a questão de saber o que foi a causa do segundo ataque mórbido, quer dizer, a determinação da segunda doença. E é a transferência. Ela acha que é um tipo de tendência que é inteiramente fundamental nas relações afetivas do sujeito: ela o exprime em termos de afetividade.

Quando o paciente voltou a ver Freud pela segunda vez, Freud diz ter então analisado a transferência. R. M. Brunswick diz que se trata da passividade primordial do sujeito e traz lança luz sobre o fato de que Freud fixou uma data, um término. Os pacientes retêm alguma coisa até o último limite. Nesse caso, pode-se pensar que se o sujeito foi assim “forçado”, ele teve que guardar uma posição. Aí está a mola da transferência não liquidada. Sr^a Mack Brunswick diz também que há alguma coisa curiosa. Não há exemplos de que, no curso de uma análise profunda, todas as atitudes possíveis do sujeito jamais se revelem. A psicanálise do *Homem dos lobos* foi total e esgota o material e, contudo, jamais uma atitude paranóica se manifesta. (Assim, então, a explicação por “um meio permaneceu não alcançado” não é uma explicação válida).

É preciso dedicar-se a ver as diferentes relações paternas desse sujeito, todas aquelas das quais ele é capaz. Na última fase da doença vemos se encarnar os diferentes tipos de relações paternas. Os dentistas e os dermatologistas formam duas séries de personagens bem diferentes.

A busca da punição, da castração paterna pelo sujeito é diferente da própria identificação. Portanto, há duas séries:

Por um lado, os pais castradores, representados pelos dentistas: eles arrancam os dentes bons ou ruins, e o doente não fica com raiva deles. Isso mostra o que procura o sujeito: quanto mais lhe fizerem, melhor para ele. Com eles, seu modo de relação é especial: é desconfiança, desconfiança que não o impedirá de confiar neles: quanto mais ele desconfia, mais confia...

Por outro lado, um outro tipo paterno, os pais mortíferos: no plano da relação imaginária mais primitiva, contra a qual o Eu do sujeito foge e se despe com uma espécie de pânico. Esse tipo está ligado à imagem da cena primitiva, ele identifica o sujeito a essa atitude passiva causa da angústia suprema, porque ela equivale ao despedaçamento primitivo. Daí a renovação dessa doença e desordem primordial. O perigo vem então do interior e é preciso escolher: recalcar ou colocar novamente tudo em questão. É uma ameaça mortal, o contragolpe ambivalente de uma agressividade radical.

Para o *Homem dos lobos*, o nariz representa um símbolo percebido, imaginário: o buraco que todos os outros poderiam ver. À medida que se desenvolve a análise de R. M. Brunswick, vê-se

entre o personagem castrador e o outro (o professor X, seu mais mortal inimigo) passar fases sucessivas.

Para o *Homem dos lobos*, ele era o “filho favorito de Freud”. A reação típica a que corresponde a desconfiança é a hipocondria: signo emergente. Ele escondeu de Freud (que lhe doou uma soma) que ele recuperara alguns bens (algumas jóias) e alguns recursos, enquanto que, até ali, ele era considerado com razão como um homem honesto. Será que ele vê na renda uma garantia de amor que lhe é devida? Ou está mais ligado à realidade? Freud, tendo-o impedido de retornar à Rússia para recuperar seus bens, quando isso ainda era possível, será isso uma reclamação silenciosa compensada pelo fato de que ele crê que Freud lhe deu esse mau conselho por amor, para poupá-lo? O que quer que seja, ele considera que isso lhe é devido, esse dom de dinheiro.

O destino serve à Sr^a Mack Brunswick e lhe permite penetrar nas posições do doente. No momento da morte do professor X ela marca, de fato, um primeiro passo adiante nas defesas do paciente, que imediatamente, por trás do sintoma hipocondríaco, revela: “ele está morto, então eu não poderei matá-lo”. Está aí o fantasma que surge inicialmente e que é seguido pelo conteúdo persecutório curtido por muito tempo: delírio de perseguição. O próprio desaparecimento do objeto suprime a saturação, numa relação que pode permanecer sob forma de tensão. É então que R. M. Brunswick interpreta: “o professor X, é Freud”... O sujeito nega, pois a relação à qual ele se liga, no que concerne a Freud, é a de filho favorito. Outra face do delírio que aparece então, aquela do delírio de grandeza (diz L. R. B.). É a mesma coisa sob uma forma diferente (ex: o professor X aparece no sonho como o analista). Qual vai ser o passo seguinte? R. M. Brunswick força-o muito em suas defesas para dismantelar sua posição de “filho favorito”. É então, as coisas são abordadas no plano da realidade atual do analista. Em que medida Freud está realmente presente aí? R. M. Brunswick lhe mostra que Freud não se interessa por seu caso. Então, o sujeito se comporta como um louco. Freud aparece imediatamente depois num sonho espetacular. Sonho do pai doente parecendo com um músico ambulante, etc. É um sonho em espelho: o pai é ele mesmo e Freud, contra quem ele traz a reivindicação; “ele recusou sua velha música, é um judeu, um judeu sujo”. O que é esse dom que

há entre eles? É o re-questionamento de todas as relações que ele teve com Freud e essas relações mal são relações com um objeto, e são essencialmente agressivas. O sujeito está então no acme de sua desordem, mas a seqüência dos sonhos mostra progressos no sentido de um retorno à realidade. O fundo da questão é “seu sentido para ele”, a saber, os lobos. Num sonho a origem instintual de seus problemas está do outro lado de uma muralha, no limite da qual se encontra R. M. Brunswick. Ele está de um lado, os lobos do outro: é a simbolização do papel, na determinação de sua psicose, de seu desejo; que seus desejos sejam reconhecidos pelo outro e encontrem assim seu sentido.

Uma outra vertente está marcada pelo sonho da destruição dos ícones: estes representam um meio, a significação fundamental em relação ao dogma cristão: o Deus encarnado num homem; rejeitar as imagens santas é negar a encarnação. No momento de sua neurose infantil, a religião falhou em socializar suas dificuldades (esboço de cura). Mas isso tropeçou no dogma da encarnação. As relações entre Deus Pai e Filho são sentidas como masoquistas e reenviam-no à sua angústia fundamental diante da apassivação absoluta da cena primitiva. Todo seu Eu não é nada mais do que a negação de sua passividade fundamental. Seu tipo de identificação está fundado na relação simbólica humana e cultural que define o Pai, não apenas como o Genitor, mas também como mestre com poder soberano: relação de mestre a escravo. Toda a história do sujeito é escandida pela busca de um Pai simbólico e punidor, mas sem sucesso. O pai real é muito gentil e, além disso, diminuído. O que Freud viu de mais claro na transferência paterna é o medo de ser comido.

Deve-se lembrar da concepção dialética da experiência analítica. Na relação da própria palavra, todos os modos de relações possíveis entre os seres humanos se manifestam. Há uma diferença entre um sujeito que diz “eu sou assim” e um sujeito que diz “eu lhe peço para me dizer quem sou”. Há uma função da palavra, quer seja uma função de desconhecimento ou de mentira deliberada; existe, entretanto, uma certa relação com o que ela está encarregada de fazer reconhecer negando-o. Em torno desse dom da palavra se estabelece uma relação de transferência. Então, o que se passa entre o sujeito e seu analista é um dom: o da palavra. O sujeito não se faz então reconhecer senão no fim.

O dom vai do sujeito ao analista. E mais, o sujeito dá o dinheiro. Por quê? Há aí um paradoxo aparente. O dom do dinheiro não é uma pura e simples retribuição (a palavra *honorários*, de resto, testemunha isso). Para compreender esse dom do dinheiro deve-se compará-lo às prestações dos primitivos que sacralizavam as coisas. O dom do dinheiro para o analista tem a mesma significação que o dom que faz o discípulo ao mestre, mas isso constitui o mestre como garantia dessa palavra e garante que ele não a troca, que ele continuará a ter cuidado com isso.

Qual foi então a função do dinheiro no conjunto da história do sujeito? É um sujeito que tem uma estrutura mental de “rico”. O modo de relação dialética entre o Filho e o Pai no Édipo acarreta uma identificação a um pai que seja um verdadeiro pai: um mestre tendo riscos e responsabilidades. Há alguma coisa de inteiramente diferente entre isso e a estrutura burguesa que ganha atualmente. O que se transmite é então o patrimônio. Resulta daí que, nesse sujeito, o caráter alienante desse poder encarnado pela riqueza é evidente. Isso recobriu essa relação que nunca pôde ser outra senão narcísica com seu Pai. E a morte de sua irmã tem esse sentido: “eu sou o único a herdar”.

Se um doente como esse aí vem encontrar Freud isso mostra que, em sua miséria, sua abjeção de rico, ele quer alguma coisa. Ele tenta estabelecer alguma coisa de novo. Freud é um mestre ao qual ele pede socorro. A força da relação que ele tenta estabelecer é que ela é a via por onde ele quer estabelecer uma relação paternal. Ele não consegue porque Freud era um pouco mestre demais. Seu prestígio pessoal tendia a abolir, entre ele e o doente, um certo tipo de transferência. Freud foi identificado demais a um pai supremo demais para poder ser eficaz. Isso deixa o sujeito em seu circuito infernal. Ele nunca teve pai que simbolize e encarne o Pai, lhe deram o “nome do Pai” no lugar disso. De início, ele tinha uma relação de amor real com o pai, mas isso acarretava a reativação da angústia da cena primitiva. A busca do pai simbólico acarreta o medo da castração e isso o remete ao pai imaginário da cena primitiva. Assim se estabelece um círculo vicioso. Com Freud, ele nunca pôde assumir suas relações com ele. Era “um pai forte demais” e Freud teve que fazer agir o constrangimento temporal e lhe “dar a palavra de sua história”. Mas ele, o doente, não a conquistou nem assumiu. O sentido continua alienado do lado

de Freud que continua seu possuidor.

Toda questão do dinheiro está no mesmo plano. Freud fez o *Homem dos lobos* pagar como um doente muito rico, e para um tal doente tão rico isso não tinha significação (apenas no fim, isso representava um tipo de castração). Aí se encontra a dialética do duplo dom e é assim ao longo de toda a observação. Quando o sujeito revê Freud por um sintoma histérico (constipação) Freud faz cessar esse sintoma facilmente, mas sobre o outro plano se passa uma catástrofe interessante: Freud se deixa implicar numa espécie de culpabilidade ao avesso: ele lhe faz um pagamento periódico; o sujeito passou agora ao plano de múmia psicanalítica enquanto que antes ele não chegava à assunção de sua pessoa. O paranóico se crê o objeto do interesse universal e o sujeito constrói seu delírio narcísico. A realização narcísica é ajudada e sustentada pela ação de Freud que reverteu o dom do dinheiro.

Se o gênio de R. M. Brunswick foi grande, ela nem sempre o formulou bem. Se ela pôde fazer alguma coisa é na medida em que, por posição, ela coincidia com o personagem da irmã. Ela estava objetivamente entre Freud e o doente, subjetivamente Freud veio sempre entre o doente e ela. Ela tem êxito ali onde a irmã fracassara. O pai estava perto demais do doente, a irmã também (ela tinha feito sua identificação com o pai e ela é ativa em sua relação e de uma maneira traumática, próxima demais, que acarreta o mesmo pânico da apassivação que diante do pai. Ela está identificada ao pai pelo doente). No lugar disso R. M. Brunswick soube ao mesmo tempo participar de uma certa dureza própria ao personagem paterno, por outro lado, ela se submete à realidade do sujeito: há um tipo de retorno à escola do sujeito pelo o que os chineses chamam “a doçura maleável da mulher”. Ela sabe lhe mostrar que ela não é aderente a Freud, então não identificada ao pai e “não tão forte”. O sujeito é re-infantilizado por ela e, desta vez, da maneira certa.

A gratuidade do tratamento não desempenhou o mesmo papel que nas relações com Freud (e por isso ela se distingue da irmã) e o que se passa entre eles não é da mesma ordem que o que se passa numa análise: é mais uma psicopedagogia, onde se discute a realidade, do que uma análise propriamente dita.

Na medida em que o sujeito se descolou da imagem do Pai onipotente e que ele vê que esse pai não o ama tanto assim, a saída foi favorável. O

sujeito aceita não ser um mestre e ele não está mais entre duas cadeiras.

Digamos, enfim, que sua análise foi influenciada pela procura de Freud a propósito da realidade ou da não realidade das cenas primitivas e se vê, aí também, as relações estreitas da transferência e da contratransferência.

Tradução: Letícia Patriota da Fonsêca

Revisão: Andréa Gabriela Ferrari

¹ Optamos por deixar as palavras no original, pois na tradução, perdem a homofonia. *Parade*: Afetação, exibição, ostentação, desfile; por exemplo, parada militar, parada *gay*. Pode ter o sentido de desejo de *mostrar-se, ser visto*. N.R.T.

² *Pariade*: refere-se ao momento de reunião dos pássaros, anterior ao acasalamento, a partir da qual se formam os pares para procriar. N.R.T.

Notas sobre as notas do Seminário *O Homem dos lobos (1952-53)* de Jacques Lacan

Fernando Hartmann¹

As notas de Jacques Lacan, no Seminário “Homem dos lobos”, de início indicam uma capacidade que nos é dada pela linguagem, a saber: a possibilidade de retomar, refazer, re-escrever um mesmo fato, diversas ou mesmo inúmeras vezes. Desde Freud, o assim nomeado, Homem dos lobos, tem proporcionado a escrita de um imenso número de artigos e livros. No *Dicionário de Psicanálise*, organizado por Roland Chemama e Bernard Vandermersch, o verbete sobre o Homem dos lobos traz o questionamento de que suas re-leituras abordam sempre questões dos próprios analistas, isto é, elas testemunham o ponto em que está a psicanálise. Segundo Jean-Pierre Lebrun se trata do caso estudado por Freud sobre o qual os psicanalistas não estão de forma alguma de acordo quanto ao diagnóstico. Para alguns se trata de uma neurose obsessiva, para outros, uma paranóia, psicose, ou mesmo de fetichismo. Pretendemos, neste artigo, levantar alguns pontos tomados por Lacan, no referido Seminário de 1952-1953, no que diz respeito às dificuldades da constituição do *Eu*.

Neste seminário, Lacan retoma algumas balizas importantes do desenvolvimento de sua teoria até então. O primeiro se refere ao estádio do espelho. Ele diz:

No homem existem relações de conhecimento – como homem e mulher – entre indivíduos. Nos animais, a relação do sujeito é uma relação a dois. Numa relação a dois vai se constituir a referência da fêmea com o macho: conhecimento do parceiro. Mas no homem, ele se conhece antes de suas referências ao espetáculo determinante, o indivíduo tem já, pelo menos, esse conhecimento dele mesmo (estádio do espelho). Em razão deste acento posto na experiência de suas exigências propriamente narcísicas, revela-se no indivíduo uma espécie de prevalência de uma necessidade de domínio que vai no sentido contrário à

escolha instintual do objeto e isso dá, no caso do *Homem dos lobos*, uma situação bem particular. O sujeito faz uma escolha parcial e contrariada e isso o leva ao desconhecimento de seu parceiro feminino.

O estádio do espelho

Em um de seus primeiros anos como psicanalista, em 1936, Lacan trabalhou em um texto o conceito de estádio do espelho como formador da função do Eu, conceito esse que ele jamais abandonará e que se refere à constituição do Eu a partir de um processo especular, então, imaginário. O estádio do espelho situa-se no período infantil de 6 a 18 meses e consiste numa antecipação da aquisição da unidade funcional do corpo pela criança. Trata-se de uma identificação, no sentido que a psicanálise confere a esse termo, ou seja, “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1998, p. 97). Neste momento do desenvolvimento o bebê já consegue diferenciar que ele e sua imagem não são a mesma coisa.

Lacan parte de uma observação psicológica para compor esse conceito. O filhote do homem, ainda submetido à total dependência da mãe e dentro de uma impotência motora muito grande é capaz de reconhecer a sua imagem em um espelho, o que para os outros animais está longe de ser possível. Nos outros animais, de uma forma geral, os filhotes já nascem preparados para exercer sua vida enquanto espécie. O filhote do homem fará esta diferenciação, ou seja, que ele é outro, porque a linguagem já está lá, quer dizer, ele enquanto sujeito já está lá, o que ele poderá constituir como *Eu* vem depois, como uma imagem que o sujeito faz de si. O estádio do espelho não é simplesmente uma fase do desenvolvimento, ele revela certas relações do sujeito à sua imagem.

Lacan (1998) afirma que é devido à

prematuração específica do nascimento no homem, justamente por essa brecha, essa incompletude característica do filhote do homem, que se abrem, no imaginário, as possibilidades do que vem a ocupar o estádio do espelho. Segundo Lacan, o estádio do espelho é uma “aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo, dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia” (LACAN, 1986, p. 96). A questão é que o filhote do homem consegue desde muito cedo compor uma imagem de si, algo que não acontece nos outros seres vivos.

Para tanto, a relação polar pela qual a imagem especular se liga, como unificadora, ao chamado conjunto de elementos imaginários do corpo, fornece um par. Esse par não é preparado apenas por uma conveniência natural de desenvolvimento e de estrutura para servir de homólogo, à relação simbólica Mãe-Criança. O par imaginário do estádio do espelho, convém relacioná-lo com uma prematuração específica do nascimento no homem e mostra-se apropriado para dar ao imaginário uma base que a relação simbólica possa de alguma forma abarcar.

Com efeito, é pela hiância que essa prematuração abre no imaginário, e onde pululam os efeitos do estádio do espelho, que o animal humano é capaz de seimaginar mortal; não que possamos dizer que ele pudesse fazer sem sua simbiose com o simbólico, mas sim que, sem essa hiância que o aliena em sua própria imagem, não poderia produzir-se essa simbiose com o simbólico onde ele se constitui como sujeito para a morte (LACAN, 1998, p. 558).

O tempo lógico

O segundo ponto se refere ao texto: “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”.

Na análise do Homem dos lobos, o acento permanece muito tempo sobre o Eu e sobre um Eu irrefutável. É quando Freud faz intervir um elemento de pressão

temporal e a partir desse momento, a análise se desenrola. O Homem dos lobos toma sua análise em primeira pessoa : é o « Je » que fala e não mais o « Eu » [moi]. Para lembrar :

1 - a evidência apreensível no instante de um olhar

2 - Etapa : aquela do problema : trabalho de cogitação do *working through*

3 - Etapa: o momento de concluir. Elemento de pressa e de urgência própria a toda espécie de escolha do engajamento.

No texto sobre o tempo lógico, publicado em 1945, Lacan nos apresenta o seguinte problema de lógica: O diretor de um presídio faz comparecerem três detentos escolhidos e lhes comunica o seguinte: “Por razões que não lhes tenho de relatar agora devo libertar um de vocês. Para decidir qual, entrego a sorte a uma prova pela qual terão de passar, se estiverem de acordo.

Vocês são três aqui presentes. Aqui estão cinco discos que só diferem por sua cor: três são brancos e dois são pretos. Sem dar a conhecer qual deles terei escolhido, prenderei em cada um de vocês um desses discos nas costas, isto é, fora do alcance direto do olhar; qualquer possibilidade indireta de atingi-lo pela visão estando igualmente excluída pela ausência aqui de qualquer meio de se mirar. A partir daí, estarão à vontade para examinar seus companheiros e os discos de que cada um deles se mostrará portador sem que lhes seja permitido, naturalmente, comunicar uns aos outros o resultado da inspeção. O que, aliás, o simples interesse de vocês os impedirá de fazer. Pois o primeiro que puder deduzir sua própria cor é aquele que deverá se beneficiar da medida liberatória de que dispomos. Será preciso ainda que sua conclusão seja fundamentada em termos de lógica, e não apenas de probabilidade. Para esse fim, fica convencionado que, tão logo um de vocês esteja pronto a formulá-la, ele transporá esta porta, a fim de que, chamado à parte, seja julgada sua resposta.”

Aceita a proposta, cada um de nossos três sujeitos é adornado com um disco branco, sem se utilizarem os pretos, dos quais se dispunha, convém lembrar, apenas em número de dois. Como podem os sujeitos resolver o problema? Depois de se haverem considerado entre si *por um certo tempo*, os três sujeitos dão juntos alguns *passos*, que os levam simultaneamente a cruzar a porta. Em separado, cada um fornece então uma resposta

semelhante, que se exprime assim: “Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles teria inferido o seguinte: ‘Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente que era branco, teria saído na mesma hora, logo, não sou preto.’ E os dois teriam saído juntos convencidos de serem brancos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que saí porta afora para dar a conhecer minha conclusão”.

Havia três possibilidades de combinações: dois pretos e um branco, um preto e dois brancos e três brancos. A primeira combinação estava excluída pela observação (cada um via dois brancos). Para resolver entre as outras duas, os outros sujeitos teriam de comunicar de uma maneira involuntária o que estavam vendo e isso acontece pela espera de cada um. Um dependerá do movimento do outro. O tempo de compreender, Lacan o definirá como uma duração que efetua uma objetivação, ou seja, o momento de concluir. Resulta disso a divisão: instante de olhar, tempo de compreender e momento de concluir. O que quer dizer que a conclusão é antecipada. O depois precisa se fazer para que o antes venha, tal é a questão temporal implícita nesta lógica. O compreender, neste caso, se trata da inclusão do outro e de que o *Eu* é outro para o outro. O sujeito se deduz branco devido à espera dos outros em decidir, mas no momento em que eles decidem, eles decidem juntos, pois se eles se movem quer dizer que sou branco também. Todos precisam andar e parar ao mesmo tempo, como se estivessem amarrados. Quer dizer, eu sou se estiver junto no movimento temporal. Fora eu não seria branco como os outros dois, que tenho sob o meu olhar. Desta forma, eu tenho que me definir a partir do olhar dos outros, que dirão o que sou, pois eu não tenho essa condição. No momento em que antecipo esta certeza, de ser como os outros, justamente pelo tempo que levei para compreender, é que me afirmo como igual a eles, ou seja, branco. No lugar de branco nós podemos colocar qualquer outro predicado. Conforme Lacan, “é apenas sozinho, não sendo todos, que se atinge o verdadeiro, ninguém o atinge, no entanto, a não ser através dos outros” (Lacan, 1998, p. 212).

Algumas dificuldades

Diferentemente dos animais, o ambiente humano, *Umwelt*, não se apresenta como uma unidade, ele se apresenta à criança como

despedaçado, justamente pelo fato do sujeito ser um efeito da linguagem. Os significantes segmentam o mundo. Os dois textos lacanianos por nós levantados se referem à constituição do *Eu*. Por que estes dois textos são importantes no caso do Homem dos lobos? O Homem dos lobos teria sido testemunha, com a idade de um ano e meio, de uma relação sexual entre seus pais. Esta idade corresponde ainda ao estágio do espelho. Esta relação sexual testemunhada teria sido realizada à maneira dos animais.

Para um menino que habita uma fazenda não é incomum presenciar copulações entre os animais. Mas uma relação sexual entre os pais é diferente. Neste momento da vida, a criança passa por um forte processo de identificação. Lacan, no seminário de 1952-53, diz que “a relação narcísica está centrada numa reflexão: uma imagem especular, narcísica, e uma identificação ao outro. Há uma ambigüidade total, o sujeito é ao mesmo tempo ele e o outro”. Então, na cena de relação sexual dos pais, supostamente presenciada pelo Homem dos lobos, deverá ocorrer uma identificação, uma referência imaginária aos personagens da cena primitiva. A necessidade de se situar frente a pai e mãe, que se apresentam como objeto de identificação e objeto de amor, provoca um complicado jogo entre o desenvolvimento do *Eu* e a evolução da libido.

Conforme Lacan, “a criança se lembra de alguma coisa que existiu e que não pode ser lembrada no plano simbólico. E isso determina, contudo, todo o seu comportamento posterior que dá essa sexualidade ‘fendida em pedaços’”. O que acontece, primeiramente, ao paciente de Freud, quando ele tinha um ano e meio, situa-se num inconsciente não-recalcado. O recalque somente ocorrerá na medida em que o jogo dos eventos for integrado em forma de símbolo, de história. O que vai ter valor de trauma é a forma particularmente perturbadora para o sujeito da primeira integração simbólica. No caso do Homem dos lobos, isso ocorre aos quatro anos com o sonho dos lobos, ou seja, o medo de ser comido pelo pai. Porém, o pai do Homem dos lobos é um pai fraco, mais castrado do que castrador, observa Lacan. O que seria o medo da castração que domina a história do paciente? Neste caso entra a diferença entre pai simbólico e pai real proposta por Lacan. A criança, então, procura um pai simbólico, castrador, com o qual possa se identificar, mas não encontra. Ela não pode se identificar a uma imagem propriamente paternal e por isso não pode realizar o complexo de Édipo normativizante. A

criança vai se identificar à mãe. Ela vai buscar uma força viril. A busca pelo pai simbólico acarreta o medo da castração e isso o remete ao pai imaginário da cena primitiva.

No estádio do espelho a criança se antecipa em sua imagem completada antes que ela a tenha alcançado. Como nos diz Lacan, “daí os fantasmas de castração: o pênis pode ser apreendido ou arrebatado”. O Homem dos lobos busca, então, uma identificação com a mãe. Lacan, seguindo Freud, nos aponta a impressão do feminino em conflito com a experiência do corpo completo, especular, sendo, a identificação feminina relacionada à imagem do corpo fragmentado. Devido a isso, no Homem dos lobos, a identificação com a mãe na cena primitiva é rejeitada. Para Lacan, “a evocação da imagem fragmentada do corpo provoca o ressurgimento de um estado anterior do Eu e isso dá angústia”. No seminário sobre *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan retoma o seu comentário anterior sobre o Homem dos lobos:

Quando o sujeito, diz Freud, tinha chegado a uma primeira maturação, ou pré-maturação infantil, e estava maduro para realizar, ao menos parcialmente, uma estruturação mais especificamente genital das relações dos seus pais, recusou a posição homossexual que é a dele nessa relação, não realizou a situação edípica, recusou, rejeitou – a palavra alemã é *verwirft* – tudo que é do plano da realização genital. Voltou à verificação anterior dessa relação afetiva, retirou-se para as posições da teoria anal da sexualidade. Não é nem mesmo um recalque, no sentido em que um elemento teria sido realizado num certo plano se encontraria posto de lado. Recalque é outra coisa (LACAN, p.55, 1986).

Lacan reconhece na estrutura daquilo que acontece no Homem dos lobos a forclusão (*Verwerfung*), o que daria a condição da psicose. Ele remete à alucinação do dedo cortado na infância do paciente de Freud. Ele segue dizendo que, para que o recalque seja possível, é preciso que exista um além do recalque, já constituído primitivamente, mas que por não se formular é “como se não existisse”. Ele vai dizer que tem um centro de atração que chama para si todos os recalques ulteriores e que isso é a essência mesma da descoberta freudiana. Lacan

(1986, p.228) afirma que é na “aproximação dos elementos traumáticos – fundados numa imagem que nunca foi integrada – que se produzem os buracos, os pontos de fratura, na unificação, na síntese, da história do sujeito”. (...) “é a partir destes buracos que o sujeito pode se reagrupar nas diferentes determinações simbólicas”, organizando sua história.

Acreditamos que as referências a estes dois textos de Lacan, sobre o estádio do espelho e sobre o tempo lógico, sejam fundamentais para entendermos o conflito entre o desenvolvimento do Eu e as relações libidinais em jogo no caso do Homem dos lobos, assim como para pensarmos as relações entre a recusa (*Verleugnung*), recalque (*Verdrängung*) e forclusão (*Verwerfung*). A difícil tradução de alguns termos complexos do alemão para o inglês - do inglês para o português, do alemão para o francês e do francês para o português - causa um certo desconforto aos leitores de Lacan e Freud. Como sabemos, Freud (1987) evoca três correntes que teriam coexistido na vida psíquica do Homem dos lobos. Uma que repugnava a castração, outra que admitia e se consolava com a feminilidade como substituto, e a terceira consistia em uma rejeição dessa castração. O recalque liga-se à neurose, ao passo que a recusa liga-se ao fetichismo e à forclusão, à psicose. Freud nos diz que a recusa na infância é normal, ao passo que no adulto será uma psicose. No recalque, nós temos o esquecimento de um significante ligado à castração e na recusa parece que temos uma divisão, uma clivagem do Eu, uma tentativa imperfeita de desligar o Eu da realidade. Talvez, devido a todas estas dificuldades e à complexidade teórica, ainda seja o caso do Homem dos lobos um tema necessariamente recorrente nas discussões e escrituras psicanalíticas.

Referências:

CHEMAMA, Roland & VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Francisco Settineri e Mario Fleig. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2007.

FREUD, Sigmund. *Obras completas* - História de uma neurose infantil. Rio de Janeiro : Imago, 1987.

LACAN, Jacques. *Seminário I – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1986.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.

LACAN, Jacques. Notas de seminários 1952-1953. “O Homem dos lobos”. Trad. Letícia Fonseca. Recife: Escola de Estudos Psicanalíticos, 2007.

¹ Membro da Association Lacanienne Internationale (Paris), da Escola de Estudos Psicanalíticos (Porto Alegre) e da Associação Clínica Freudiana (São Leopoldo).

Entrevista com Jean-Pierre Lebrun

(Entrevista concedida na Unisinos, em maio de 2007)

Fernando Hartmann: A princípio, nos perguntamos qual é a importância do caso do Homem dos lobos atualmente frente à subjetivação. Além disso, no Homem dos lobos, há a subjetivação na infância. O que o senhor poderia dizer sobre isso?

Jean-Pierre Lebrun: Devido a sua complexidade, eu creio que o Homem dos lobos é seguramente dos casos de Freud o mais próximo do que temos que trabalhar em nossos dias. Além das questões que Freud colocou a respeito dos outros casos, para ir rápido, nos outros casos, todo mundo está de acordo sobre a questão do diagnóstico: a histeria de Dora, a neurose obsessiva do Homem dos Ratos, a fobia da criança no pequeno Hans e a paranóia de Schreber. No Homem dos lobos, justamente, não ocorre nada disso. Isto vem indicar que existe um problema. Nós não estamos de acordo, alguns dirão que ele é psicótico, outros que não é nada disso. Vários freudianos fazem do Homem dos lobos o paradigma do estado limite. Lacan, ele mesmo, falou no seminário *A angústia*, uma só vez, aí começou, foi suficiente para poder utilizar o Homem dos lobos, como um caso limite. Mas hoje alguns fazem dele, indiscutivelmente, uma psicose. Lembro que Charles Melman me falou disso assim; não sei se ele mantém isso hoje. Então ele se apresenta como um caso cuja complexidade não permite fazê-lo entrar no esquema simples: neurose, psicose, perversão. Então de que se trata precisamente? Além disso, a pregnância de sua história e de sua subjetivação, que parece não se realizar, também corrobora com a dificuldade na qual nos encontramos hoje. E então, eu acredito que não é de forma alguma inadequado falar do Homem dos lobos como o caso mais representativo da psicopatologia de hoje. Eu diria isso de bom grado.

Fernando Hartmann: Melman fala do Homem dos lobos como uma paranóia. E há uma questão referente à neurose obsessiva, a partir da qual podemos dizer que cada um faz sua pequena

religião, particular, assim como Schreber fez também a sua na paranóia. Será que podemos estabelecer uma relação com a tendência atual de cada um constituir sua pequena religião, ao passo que a grande religião, pode-se dizer assim, caiu?

Jean-Pierre Lebrun: Aí você tem razão, em todo caso não sei se isso corresponde ao que está descrito no texto, para poder encontrar isso no próprio texto. Mas o que você descreve é bem típico dos dias de hoje, a saber: que cada um se encontra com o mundo tal como o construiu, com sua autonomia, seu mundo, seu código próprio. E, a partir daí, lê o mundo. Cada um não é mais alguém que se deixa interpelar, atingir, pelo mundo. É antes o sujeito que, a partir desta posição subjetiva privada, lê o mundo.

Mario Fleig: Uma outra questão (um pouco mais ampla) a propósito do Homem dos lobos, da transferência e da direção do tratamento. Ou seja: a intervenção de Freud ao dar um prazo para terminar o tratamento, a questão dos efeitos na transferência e da produção de efeitos na transferência (por exemplo, persecutórios, paranóicos...). Será que podemos pensar alguma coisa disso no caso do Homem dos lobos, como efeitos da maneira como Freud levou a transferência e como articular isso com a transferência nos dias de hoje?

Jean-Pierre Lebrun: Eu penso que nós estamos hoje um tanto condenados a tentar nos molhar talvez um pouco mais. Há várias coisas para dizer sobre isso, sem absolutamente querer extrapolar o que se passou entre Freud e o Homem dos lobos. Mas talvez seja um exemplo de uma maneira de fazer que não deixa de ter conseqüências, mas da qual não é possível se abster sem ter conseqüências ainda mais devastadoras. A dificuldade está aí.

Podemos dizer atualmente que a prática da abstenção, que, aliás, foi descrita quando Lacan fala, em um momento de sua obra, de *fazer o morto*, foi

de fato, a maior parte do tempo, construída como posição do analista. Mas não é de forma alguma nisso que ele continuou. Em todo caso, não é de forma alguma o que nos dizem os testemunhos de seus pacientes. No entanto foi, em um dado momento, poder-se-ia dizer, quase a via real para os psicanalistas. Ou seja, propor, manter e sustentar seu silêncio como sendo a presentificação da verdade do sujeito. O que lhe permitia utilizar o silêncio do Outro até a interpretação eventual, que é então um modo - pode ser e pode ter sido - uma maneira de intervir, que se fazia em certos casos de prática lacaniana, às vezes bem rara, nós sabemos. Eu não estou bem seguro de que este tipo de funcionamento, por parte do analista em nossos dias, convenha para este tipo de patologia que se tenta identificar com mais lucidez e rigor e que Melman coloca sob o termo de nova economia psíquica. Eu não acredito de forma alguma, na prática pela abstenção para esse tipo de patologia, porque penso inicialmente, que para que um sujeito assim construído, ou seja, como indiquei, imunizado contra a intervenção do Outro, a intervenção do analista deva ser ao mesmo tempo extremamente vigilante. Não se trata de intervir, em todo caso, não é isso. Eu penso que não se pode limitar, como eu escrevi em meu livro, aliás, a intervenção do analista a uma pura e simples construção. Como dar corpo a uma elaboração quase psicologizante do analisante? Eu não acredito que seja somente isso, pela pura e simples razão que o que parece primar neste tipo de transferência é a capacidade do analista de fornecer a um sujeito que, nesta zona aí do seu aparelho psíquico, se encontra completamente ao abrigo da alteridade, de lhe fornecer a possibilidade de aproveitar o que o outro ouve dele, para poder se pôr ou se repor a elaborar. E isso é algo que eu acho de fato capital. Portanto, eu não penso que neste lugar podemos descreditar uma intervenção do analista, que seria mais intervencionista, mais interpelativa, mais interlocutória, simplesmente porque “o que”, entre aspas, faltou ao sujeito é a confrontação com o Outro.

O que ele encontra em seu analista que se contenta em se calar, mesmo que seja, no final das contas, uma situação à qual ele mesmo deverá chegar, talvez... Será necessário que ele passe pelo silêncio do Outro para encontrar sua própria voz. Mas ao esperar, falta-lhe, ele não tem a sua disposição ferramentas para poder quebrar a imunidade na qual ele mesmo se inscreveu. E isso

é um elemento capital que muda nos dias de hoje a problemática do tratamento, mesmo do tratamento padrão. Porque neste lugar o analisante não é mais... No fundo, o analisante que se construiu em tal relação de imunidade, não tem senão a possibilidade de ficar dando voltas em sua própria maneira de funcionar. E o silêncio do Outro não vai lhe permitir o acesso ao significante recalcado, simplesmente porque os significantes recalçados não são recalçados, são traços de recusa, como eu disse, que estão lá. Estes traços de recusa necessitam ser relidos de outra forma por aquele que consente seguir o traço do sujeito neste fazer.

Eu penso que o analista tem verdadeiramente uma posição de placa giratória para poder permitir que seja relido ou lido o traço desta recusa e então ser retomado de outra forma. Eu penso em um caso de uma paciente que regularmente falava do acidente, até o momento em que foi necessário ir até o que foi este acidente. Este acidente foi uma morte, um assassinato, mas um assassinato não é um acidente. A leitura no seu inconsciente, no que ela tinha a sua disposição, era o termo acidente, mas este termo trancafiava literalmente uma leitura de uma recusa do que havia sido um assassinato de fato. Vemos bem aí modalidades, que deixando que a cadeia significante se perpetue em torno do termo acidente, não deixa surgir o assassinato.

Mario Fleig: Sobre esta diferença entre se calar e dizer alguma coisa, se molhar, se colocar um pouco na água, eu penso que o que você está nos propondo é como fazer a clínica da perversão. Tratar-se-ia da diferença entre o que é recalçado, que são os significantes, e o que se passa na percepção, no caso, a perversão?

Jean-Pierre Lebrun: Não é verdadeiramente a clínica da perversão, porque eu acredito que tentei definir o que não era verdadeiramente a perversão, na medida em que o sujeito, este tipo de sujeito, que Melman chama da nova economia psíquica, eu diria, não é da ordem de uma perversão estruturada como tal.

Então é uma perversão que é quase uma fobia de subjetivação, que coloca o sujeito em uma posição de estar fóbico de toda subjetivação. Ele não quer se molhar. É por isso que ele tem necessidade que o analista se molhe primeiro um pouco, para lhe explicar, para lhe dar proposições.

Eu penso que todo o tato clínico vai consistir em não permitir que este lugar suscite uma nova paranóia, mais uma, mas, ao contrário, que forneça elementos que permitam leituras com uma certa distância entre elas, um pouco diferente. E, a partir deste elemento dado pelo Outro, é como se ele se colocasse novamente a trabalhar, é como se ele se recolocasse em prática um tipo de familiarização, de domesticação desta sua dificuldade de subjetivação, na qual ele se refugiava a sua revelia. Não podemos nos esquecer, a sua revelia. O sujeito não sabe, ele não sabe da recusa, ele não sabe o preço que paga a esta recusa. Esta é a diferença.

Então, ele precisa aí quase de um analista, como se poderia chamá-lo, colaborativo, contribuinte, consentindo em colocar sua própria leitura, deixando que ela seja, aliás, imediatamente desabonada pelo sujeito. O efeito que eu constato é que quando se passa assim, o sujeito rapidamente é capaz de dizer o que ele toma e o que ele não toma para si. Aí ele pode, ele sabe fazer. E quando ele não toma para si é que verdadeiramente isso não corresponde a nada. O que é interessante é que o benefício disso é a nova colocação em funcionamento, a reativação do processo de elaboração psíquica. E isso, eu penso que no modelo onde o analista é bastante silencioso não é operante.

Tem um pequeno ponto que eu ainda posso desenvolver. A partir daí, isso não visa só o tratamento, o tratamento padrão. Em consequência visa também todas as situações que são hoje a maioria para muitos jovens analistas ou jovens psicólogos, terapeutas, que têm vontade de se referir à psicanálise, sem por isso fazer em seus consultórios apenas o tratamento padrão. É preciso que eles intervenham, no Brasil mais que em outros lugares, ainda em situações completamente difíceis, delicadas, precárias, frágeis, onde houve um pouco de caos, em todo caso onde a família certamente não deu referências que permitissem que este sujeito se encontrasse. Isso indica a mesma orientação de trabalho. É por isso que é interessante. Eu passei para a interrogação a respeito da questão do fora do tratamento, e retorno para a questão do tratamento.

Primeiro: há os impasses do tratamento. Por que nesse sujeito não há nada que avança? O que se passa? Há essas situações exteriores nas quais, às vezes, intervindo, interpelando, vê-se que têm efeitos. Aliás, cada um na sua história, eu lhes

assinalo, que não é difícil encontrar as poucas lembranças que temos de palavras que contaram, como se diz. Não obrigatoriamente aquelas de seus pais, podem ser as de um professor, de um amigo, mas se sabe, em geral, lembra-se de algumas palavras que contaram. O dia que alguém disse isso, o dia em que alguém... Bem, isso marca. É o mesmo tipo de intervenção que creio que permite ao sujeito dar um pulo de alguma forma. Isso é interessante e talvez também dê uma orientação para a intervenção do analista fora do tratamento - para retomar o famoso prefácio de Freud ao livro de Aichhorn - mas alguma coisa diferente da análise, com a mesma orientação, que seja no mesmo sentido. Bem, levando isso até o fim, encontramos alguns tratamentos que podem se beneficiar a partir desse tipo de intervenção.

Fernando Hartmann: É justamente sobre a maneira de intervir na clínica. Se tomarmos a psicose, me parece necessário, às vezes, intervir mais, diferente de quando se trata de uma neurose obsessiva. Com o Homem dos lobos há essa questão: trata-se de uma neurose obsessiva ou de uma paranóia? A propósito da perversão como estrutura, eu acredito que seria diferente. Parece-me que na perversão como estrutura, quando o perverso procura um analista, é para fazer uma troca, mas não somente uma troca de palavras. Podemos trocar palavras com um psicótico, menos com um obsessivo. Mas na perversão há sempre uma outra coisa que não sabemos e que conta para sustentar a clínica na perversão. E eu me pergunto se isso acontece não somente no caso da perversão como estrutura, mas também nesta nova economia psíquica. É um saber sobre o gozo?

Jean-Pierre Lebrun: Seria preciso retomar muitas coisas do que você disse porque isso mereceria a cada vez ser precisado. Eu repito que não acredito que sejam verdadeiros perversos, não é uma perversão de estrutura, porque na verdadeira perversão a subjetivação é constituída sobre esta recusa. Ao passo que aqui é uma recusa para não subjetivar. É muito diferente quando esta recusa constrói a minha subjetividade ou, ao contrário, quando esta recusa permite que eu não construa minha subjetividade, que eu não deva pagar o preço de meu engajamento subjetivo. E que em todo lugar eu posso *zapper* (mudar de canal com o controle remoto). É o “se virar” (dar um jeito,

desvencilhar-se, desembaraçar-se) organizado. Eu posso organizar minha vida... Vocês têm um exemplo muito claro disso na prática de um aparelho de alta tecnologia. Eu não sou absolutamente obrigado a conhecer o funcionamento deste aparelho para poder utilizá-lo no melhor sentido. Entretanto, alguém que está aí, e que deve sem dúvida conhecer bem este aparelho, tem muito mais competência que eu, mas eu não devo conhecer tudo isso para poder utilizar e me virar. É a técnica do *zapping*, da utilização do mínimo necessário para poder encontrar, sem verdadeiramente pagar o preço. Eu creio ser esta perversão que emerge. É uma perversão, é um modelo de perversão, mas uma perversão que não é uma estrutura perversa.

A esse respeito, neste campo, eu penso que é verdade que seja preciso - e aliás eu fiquei contente de ouvir Melman falar sobre isso como conclusão do Colóquio sobre trabalhadores sociais da *Association lacanienne internationale*, sobre o contrato e a lei - que cabe a nós falar. Eu o defendo há muito tempo, sem me apropriar de suas palavras. Mas eu penso que neste lugar aí é preciso reinventar a arte da conversação. Por quê? Porque essas pessoas que hoje são precisamente construídas assim - nova economia psíquica para ser breve - no "se virar" generalizado, são pessoas que não tiveram a sorte de encontrar verdadeiras confrontações. E, visto que não as encontraram, não se pode minimizar os efeitos que pode produzir aquele que intervier, que disser alguma coisa.

Em outras palavras, não há ninguém que fale com elas, ninguém falou com elas. Deixou-se que elas se autoconstruíssem como plantas que crescem sozinhas. Bem, molhou-se simplesmente um pouco, regou-se o necessário para que crescessem, quer dizer, deu-se o mínimo para que crescessem, mas não houve confrontação. E então eu penso que aí os analistas atualmente são verdadeiros interlocutores para este tipo de paciente. E que, quando se tem uma formação analítica e que se endereça a pessoas assim, que não necessariamente pedem este tipo de intervenção, pois não é sua demanda, mas que se estão com dificuldades, nós podemos pensar e mesmo saber que a demanda não se dá sem relação com o discurso da psicanálise. Eu não vejo em nome de que nós não iremos aceitar o desafio, à altura do que está em jogo. Ou seja, recolocar referências sobre este percurso, com o risco e com o consentimento, dado de início, de que o sujeito fará

o que ele quiser.

Cabe a nós colocar estas intervenções em rediscussão com colegas, etc. Todo um novo trabalho que não é o caso habitual da supervisão, ainda que não a dispense, mas que aproveita a forma como ouviu: Não, o senhor disse isso...; Sei, como o senhor entende isso...; etc. Eu penso que há todo um novo trabalho a ser estabelecido que é, por certo, extremamente importante para pessoas que não terão a possibilidade concreta, mesmo se elas são orientadas pela psicanálise, de trabalhar como psicanalistas atrás de um divã nos próximos tempos. Não é isso. Sabe-se que dos jovens de hoje é uma minoria que vai fazer isso, uma pequena minoria. A maioria vai estar em creches, hospitais... Se não são eles, formados com o que sabem, que se dão a legitimidade da intervenção, eles estão igualmente na obrigação de refletir, de repensar sobre o que fazem, o que dizem, por que dizem assim, etc.

Tradução: Maria Marta Heinz

Revisão: Fernando Hartmann;

Rosane de Abreu e Silva

Resenha

Resenha do livro: **Depressão, a grande neurose contemporânea**

Autor: Roland Chemama

CMC Editora, 2007 - 255 p. ISBN: 85-88640-08-2

Roland Chemama publicou recentemente *Depressão, a grande neurose contemporânea*, pela CMC Editora, Porto Alegre, Brasil¹. Será uma espécie de continuidade de *Clivagem e Modernidade*², lançado em 2003 na mesma coleção? Pensamos que sim.

Primeiramente sob a forma de cartas trocadas entre dois amigos, dois colegas, um se fazendo de mais beócio do que o outro: mas este estratagema, esta convenção na leitura, sempre nos dá o sentimento de uma conversa consigo mesmo, o que, evidentemente, de forma habitual não muda nada para nós: não estamos sempre dialogando com esse Outro interior e mais ou menos íntimo? E depois, ele reata com a grande tradição de troca de cartas reais ou fictícias do Século das Luzes.

A seguir, Roland Chemama interroga - como analista e com as ferramentas legadas por Freud e Lacan -, que na depressão, em nossa modernidade há um tipo de recusa da realidade, um medo do futuro, uma relação com o tempo que coloca o sujeito de hoje em uma grande perplexidade face às tarefas cotidianas e aos engajamentos no mundo. Como o analista, de quem se poderia dizer que é um cidadão um tanto marginal, cujo pão de cada dia é ouvir a queixa de um particular, não estaria ele “interessado” a repensar sua prática da condução do tratamento a partir de sua reflexão sobre a depressão que Roland Chemama concebe “como uma estrutura psíquica particular na qual um homem ou uma mulher podem estar privados de suas referências simbólicas”?

Enfim, por meio deste estilo surpreendente que Chemama tem de nos levar a visitar ou a revisitar as idéias criativas (e recreativas) de nossos mestres não apenas ele os lê (o que não é habitual para muitos entre nós), mas também discute as teses do adversário ou dos colegas, que ele cita e cada curto capítulo é seguido de notas necessárias nas quais podem se achar explicitados ou re-explicitados tanto um conceito difícil como a bibliografia aferente.

Seu livro é de fácil acesso ao mesmo tempo que é um livro de trabalho para aquele que quer se aplicar no assunto. Eu me apliquei.

A forma de cartas endereçadas permite uma resposta implícita: Roland Chemama dá seqüência ao “Caro amigo” com algumas linhas de introdução onde é retomada a questão supostamente deixada em suspenso, ou então, retomada a crítica do “Amigo”. Isso permite uma progressão do livro, muito bem sinalizada pelos cabeçalhos dos capítulos que nos fazem progredir tanto na demonstração de suas teses clínicas, como na teoria sempre articulada ao exemplo clínico.

“A falha de endereçamento”, geralmente, mais do que a tristeza, parece representativa dos sujeitos hoje chamados de depressivos: como formular uma demanda quando não se investe em mais nada? A depressão que “pode designar tanto um estado que dura há longo tempo quanto a reação a dificuldades da vida” será uma “criação farmacêutica”? O analista não pode responder com o silêncio a esses sujeitos desarrimados e “privados de suas referências simbólicas” que só reconhecem na realidade “a repetição desoladora do mesmo”. É precisamente a “relação com o tempo” com as exigências de respostas instantâneas do mundo contemporâneo que está para ser interrogada. Freud remete Hans a uma ordem temporal por meio de uma única interpretação em relação ao tempo ... Os senhores vêm que partimos novamente de Édipo ... As primeiras cartas questionam o tempo na modernidade, quer dizer, no político: será que escapamos aos discursos atuais? Nós temos de pensar a contemporaneidade a partir do Outro (como o poder, por exemplo) dessacralizado: tudo é susceptível de ser questionado. Roland Chemama cita M. Gauchet, para quem “o cristianismo é definido como a religião da saída da religião” que se acelera a partir dos anos 1970; retorna a Descartes, que Lacan não deixa de lembrar em cada um de seus seminários como o inventor “do sujeito da ciência”. Quer dizer, do sujeito moderno que se distancia cada

vez mais de um tempo organizado pelo simbólico e mais precisamente de uma enunciação na qual incidirá o recalçamento. Ora, eu resumo Roland Chemama: o sujeito deprimido é dependente da representação do tempo no que ela tem de mais problemático - a lógica da subjetividade é uma lógica do significante, significante que se repete sem “reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades vindouras”; o significante é em seguida “anulado em benefício de um descrédito atribuído ao que é percebido da realidade”. Como se colocar aí com pacientes que não falam porque “a fala, ele não tem coragem de acreditar nela”? Para Roland Chemama “a depressão é uma mística sem deus”, de onde, então, a questão de uma transferência sacrificial que constituirá uma defesa contra a castração. A esse respeito certos analistas fariam aqui a hipótese de uma “patologia do narcisismo”.

Roland Chemama retoma, então, um texto de Lacan de 1938, *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, onde estão em questão a “grande neurose contemporânea” e o declínio da imago paterna; a intuição de Lacan, nesse texto, é tripla, nos diz ele: relaciona “as estruturas clínicas a mutações históricas”, em particular a da posição do pai e, em uma incidência mais geral, a uma “mutação do Outro” (os discursos coletivos sociais). Seguem-se os capítulos sobre “a impotência sexual e a desvalorização do falo” implicando a desaparecimento da distinção homem-mulher.

Bem entendido, o conceito de forclusão é central, mas Roland Chemama faz a hipótese de uma pluralidade de correntes psíquicas em um mesmo sujeito, separando assim a forclusão do falo e a do Nome-do-Pai, fazendo referência aos dois tempos da recusa no fetichista; o social dando o exemplo da manutenção de exigências normativas descreditando o pai real.

Abreviemos, agora: eu espero ter lhes despertado a vontade de ler o presente livro que apresenta um estilo tão dinâmico e - como dizer? - que permite pensar e trabalhar as questões da clínica psicanalítica referentes a depressão.

Impossível mobilizar e jogar com os registros da presença e da ausência com os sujeitos depressivos que “não podem renunciar de ser aquilo que eles não estão garantidos de jamais terem sido”. Quando Lacan, em seu “Discurso de Roma”, divide os diversos domínios da clínica em função das relações da fala e da linguagem, ele apresenta, nos lembra Roland Chemama, em um mesmo plano, três planos: a loucura com a psicose, “onde a fala do sujeito renunciou de se dar a ouvir”; a neurose, onde “o que o sujeito não pôde significar retorna sob a forma de sintoma” concebido como um significante articulado a outros; e enfim, “um sujeito que perde seu sentido em objetivações científicas”, o que determinaria uma clínica social hoje tão corrente. Que responsabilidade para o analista que participa do discurso da ciência fazer com que um sujeito invista em um desejo singular.

Kafka, Hamlet, Hans, tantos exemplos que para Roland Chemama remetem a questão do ato em um mundo de “fobia generalizada”, ato que supõe um trilhamento, logo, risco válido também para o analista que tem de sustentar, ele também, uma posição de clivagem.

Concluamos agradecendo a Roland Chemama, inicialmente, pela atualidade dos últimos capítulos que dizem respeito à perversão ou ao que chamamos de a - versão em direção ao pai, principalmente no que se refere à clínica com crianças e às questões da pedofilia: “se hoje há declínio do pai simbólico, é um pai imaginário mais ou menos terrível, que se coloca na própria posição onde aquele desapareceu”. Ao lhe agradecer pelo prazer que tivemos ao lê-lo lembramos a universalidade dessa questão da depressão: “o que chamamos depressão, de alguma maneira, é tão-somente uma forma acentuada, patológica, de um estado de desespero do qual cada um de nós tem de se premunir”.

Catherine Ferron

Psicanalista, *Association lacanienne internationale*.

¹ *Dépression, la grande névrose contemporaine*, original em francês pela Editora Erès na coleção Húmus. No Brasil pela CMC Editora, email: cmceditora@terra.com.br, www.cmceditora.com.br.

² *Clivage et Modernité*, Erès, 2003.

www.freudlacan.com.br

epsicanaliticos@terra.com.br